

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGEd

ALDA MACÊDO

PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES ANCORADAS ÀS MÍDIAS TECNOLÓGICAS:  
um estudo da contextualização da tecnologia na realidade de uma escola municipal em  
Natal/RN

NATAL  
2011

ALDA MACÊDO

PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES ANCORADAS ÀS MÍDIAS TECNOLÓGICAS:  
um estudo da contextualização da tecnologia na realidade de uma escola municipal em  
Natal/RN

Dissertação apresentada à Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte - UFRN,  
como exigência parcial para a obtenção do  
título de Mestre *stricto sensu* em Educação.

**Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto  
Mascarenhas de Andrade**

NATAL/RN

2011

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila  
Mamede

Macêdo, Alda.

Práticas educativas escolares ancoradas às mídias tecnológicas:  
um estudo da contextualização da tecnologia na realidade de uma  
escola municipal em Natal/RN / Alda Macêdo. – Natal, RN, 2011.  
92 f.; il.

Orientadora: Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação Educação.

1. Prática pedagógica – Dissertação. 2. Mídias tecnológicas –  
Dissertação. 3. Práticas educativas escolares – Dissertação. 4. Prática  
pedagógica – Natal(RN) – Dissertação. I. Andrade, Arnon Alberto  
Mascarenhas de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
III. Título.

RN/UF/BCZM  
37.02:316.774

CDU

ALDA MACÊDO

PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES ANCORADAS ÀS MÍDIAS TECNOLÓGICAS:  
um estudo da contextualização da tecnologia na realidade de uma escola municipal em  
Natal/RN

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade – Orientador  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Maria Elizete Guimarães de Carvalho  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

---

Prof. Dr. João Tadeu Weck  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Ângela Maria de Almeida  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Aos meus filhos  
Jorge Ítalo e Igor Gabriel,  
fonte inspiradora da vida!

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

(FREIRE, 1986)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho e, com isso, ajudaram-me numa etapa importante da minha vida.

Com muito carinho, agradeço aos meus pais: **Geraldo Cândido Macêdo e Helena da Silva Macêdo**, pelos ensinamentos de vida.

Ao **Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade**, pela oportunidade de aprender com ele, os ensinamentos do movimento da vida.

Ao **Prof. Dr. João Tadeu Weck**, pela presteza e pela disponibilidade de me ajudar nesta caminhada.

Com muito carinho, agradeço também aos meus filhos: **Jorge Ítalo e Igor Gabriel** por terem compreendido tão bem os momentos de ausência.

Ao meu marido **Dorian Lima**, pelo apoio incondicional à realização de mais esta etapa em meus estudos e pelo auxílio, cuidando dos meninos para que eu pudesse me dedicar a este estudo.

A **todos os alunos** que tive até hoje, razão maior do meu desejo em busca de novas aprendizagens.

A minha irmã **Mana Macêdo**, amiga e conselheira em todas as horas.

A professora **Ângela Maria Dantas**, que gentilmente cedeu a sua turma do 4º Ano do Fundamental I, para a realização desta investigação.

A todas as crianças que participaram da pesquisa, pelo carinho e apoio que me deram durante os nossos encontros.

A minha amiga **Maria de Fátima Abrantes**, pelo grande apoio durante a pesquisa.

Ao Professor e Coordenador do NTE Kennedy, **Paulo Carapuça** por me conceder horários de trabalho flexíveis para que eu pudesse realizar a minha pesquisa.

As minhas amigas **Maria de Fátima T. Noronha, Maria de Lourdes V. Barbalho e Maria Dalvaci Bento**, pelo apoio durante este percurso da minha vida.

A todos o meu muito obrigada!

## RESUMO

Apresenta um estudo acerca das práticas educativas escolares ancoradas ao uso das mídias e tecnologias educacionais. Busca colocar em evidência, como os meios tecnológicos se constituem na atualidade, mais precisamente na educação. Como sujeitos sociais, as crianças da pesquisa fazem uso de mídias. Aborda temas referentes aos modos do olhar ao lugar de vivência das crianças, intermediadas por instrumentos técnicos, campos tecnológicos de múltiplas linguagens. A pesquisa levanta uma discussão de como podemos promover um encontro das práticas educativas escolares mediadas por meio tecnológicos, voltadas ao contexto educacional e à vivência dos alunos. A possível resposta de como o professor pode repensar o seu papel como educador e tentar construir, junto com o aprendiz, os conhecimentos de forma significativa.

**Palavras chave:** Práticas Pedagógicas. Práticas Educativas Escolares. Mídias Tecnológicas.



## RESUMEN

Presenta un estudio acerca de las prácticas educativas en las escuelas ancladas a la utilización de los medios de comunicación y tecnologías educativas. Pretende dar a conocer, como los medios tecnológicos se constituyen en la actualidad, más precisamente en la educación. Como sujetos sociales, los niños de la investigación usan esos medios. Trata los problemas relacionados con las formas de ver el lugar de la vida de los niños, mediado por las herramientas técnicas, campos técnicos de varios idiomas. La investigación plantea una discusión de cómo podemos promover un encuentro de las prácticas escolares educativas mediados por la tecnología, aplicadas al contexto educativo y la experiencia de los estudiantes. La posible respuesta a cómo el maestro puede replantearse su papel como educador y tratar de construir, junto con el alumno, los conocimientos de manera significativa.

**Palabras clave:** Prácticas Pedagógicas. Prácticas Educativas Escolares. Medios de comunicación Tecnológicos.

## **LISTA DE SIGLAS**

DIRED – Diretorias Regional de Educação

EAD – Educação a Distância

GESAC – Governo Eletrônico de Serviço de Atendimento ao Cidadão

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional

MEC – Ministério da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional

NTM – Núcleo de Tecnologia Municipal

ProInfo – Programa Nacional de Tecnologia na Educação

ProInfo Integrado – Programa Nacional de Educação Continuada em Tecnologia Educacional

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PUC/RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SEEC/RN – Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte

SEED – Secretaria de Educação a Distância

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

UCA – Um computador por Aluno

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UNDIME – União dos Dirigentes Municipais de Educação

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Mapa da localização da escola campo da pesquisa.....	41
Figura 02	Os alunos em sala de aula.....	44
Figura 03	Alunos atentos à exposição da professora/pesquisadora.....	49
Figura 04	Fábula: O ratinho, o Gato e o Galo.....	54
Figura 05	Crianças na biblioteca produzindo o texto, trabalhado pela professora.....	58
Figura 06	.Pesquisadora mediando à turma na biblioteca.....	59
Figura 07	Produções textuais dos alunos.....	62
Figura 08	Produções textuais dos alunos.....	62
Figura 09	Produções textuais dos alunos.....	63
Figura 10	Os alunos no laboratório em pesquisa na Internet.....	74
Figura 11	Alunos no laboratório de informática produzindo o roteiro da aula de campo .....	77
Figura 12	Início da aula de campo – alunos atentos às explicações da pesquisadora .....	78
Figura 13	Alunos entrevistando uma moradora do lugar .....	79
Figura 14	Uma das vielas da área ocupada e edificada sobre as dunas .....	80
Figura 15	Início da aula de campo – alunos atentos às explicações da pesquisadora.....	80
Figura 16	Crianças entrevistando moradora do bairro .....	80
Figura 17	Crianças entre as vielas do bairro. - lado direito muro de condomínio.	82
Figura 18	Área de dunas, ocupada pela construção civil.....	82
Figura 19	Pesquisa no laboratório de informática – Produção de textos.....	83
Figura 20	Os alunos produzindo a atividade sobre a aula de campo.....	84

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 01	Texto 01.....	85
Quadro 02	Texto 02.....	86
Quadro 03	Texto 03.....	86
Quadro 04	Texto 04.....	86

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 QUESTÃO NORTEADORA.....	14
1.2 OBJETO DE ESTUDO.....	15
1.3 OBJETIVO.....	15
1.4 TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	15
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	15
<b>2 O TRILHAR METODOLÓGICO.....</b>	<b>17</b>
2.1 MÍDIA E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO .....	14
2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONTEXTOS SOCIAIS .....	19
2.3 O PROFESSOR COMO ORGANIZADOR DE APRENDIZAGENS.....	23
<b>3 O PROINFO: ESTRATÉGIA PARA MODERNIZAR A ESCOLA.....</b>	<b>26</b>
3.1 O PROGRAMA NACIONAL DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO NO RN.....	27
3.2 O PROGRAMA NACIONAL DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO RN .	32
<b>4 LINGUAGENS MIDIÁTICAS EM SALA DE AULA NUMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA.....</b>	<b>38</b>
4.1 HISTORIANDO O LUGAR: O COMPLEXO PERÍMETRO ONDE A ESCOLA SE INSERE.....	41
4.2 CONHECENDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA TITULAR – ORGANIZANDO O CAMINHO DA PESQUISA.....	45
<b>5 A PESQUISA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS EM EPISÓDIOS .....</b>	<b>49</b>
5.1 EPISÓDIO I – O TEXTO IMPRESSO.....	53
5.2 EPISÓDIO II – A BIBLIOTECA – PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS..	58
5.3 EPISÓDIO III – OLHAR DO MEU LUGAR; TECIDOS EM LINGUAGENS HÍBRIDAS EM TEXTOS, IMAGENS E SOM.....	66
5.3.1 Na sala ambiente: o laboratório de informática e a internet.....	73
5.4 EPISÓDIO IV – A AULA DE CAMPO.....	76
5.4.1 Início da aula de campo.....	79
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>87</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>89</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa objetiva experimentar práticas pedagógicas com a utilização dos suportes midiáticos, a partir do que vem sendo trabalhado pelos professores multiplicadores dos Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE)<sup>1</sup> nos cursos de formação continuada de professores/as das redes públicas de ensino do estado do Rio Grande do Norte (RN). O estudo foi desenvolvido numa escola da rede pública municipal de ensino, localizada no município de Natal/RN. Os atores sociais escolhidos para a realização da investigação foram os alunos de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da Educação Básica.

O caminho trilhado para a realização desta pesquisa constitui-se da minha experiência como professora, desde os idos dos anos 80 ao final dos anos 90, quando fui à busca de formação e novos conhecimentos que me conduziram a praticar novas práticas pedagógicas, alicerçadas ao uso das tecnologias da informação e comunicação - TICs, dá-se meu contato com o Programa Nacional de Informática na Educação - ProInfo aos dias atuais.

O que presenciei, desde então, quando do acompanhamento às escolas, são alunos sempre passando a frente da sala de informática, ansiosas perguntando quando poderão usar os computadores. Quando os professores eram instigados acerca dos motivos que os levavam a não usar as mídias, – e, de modo particular, o computador – alegaram que não se sentiam seguros, pois não tinham o domínio pedagógico necessário para usarem os novos recursos tecnológicos, como também não tinham tempo suficiente para planejar as aulas ancoradas a estas tecnologias; o que aprendiam nos cursos de Capacitação para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) não era o suficiente para usar os equipamentos articulados aos conteúdos curriculares; e ainda teriam de enfrentar os alunos que sabiam mais do que eles manusearem os equipamentos. Essa é uma rotina frequente num considerável número de escolas que constituem as redes públicas de ensino: os instrumentos que poderiam ser utilizados de forma significativa na educação escolar estão em desuso, pela falta de capacidade dos professores em realizarem a mediação pedagógica, utilizando-se de tais instrumentos.

Essas narrativas foram chamando minha atenção, ao longo de uma década: por que os professores que foram capacitados não colocavam em prática o uso destes recursos didáticos? Por que articular as mídias tecnológicas às práticas escolares eram concebidas por estes

---

<sup>1</sup>Espaços de formação continuada dos/as professores/as da educação básica para utilização pedagógica das novas tecnologias da informação e comunicação.

professores com estranhamento, embora entendam que o aluno está imerso nesse mundo midiático? Por que os professores não contextualizam os conhecimentos e saberes que os alunos adquirem no seu dia a dia, pois estão sempre envolvidos da TV, do *game*, do computador para jogar, acessar a *internet* (jogos, redes sociais, músicas, filmes...), em proporções usam seu tempo pelo menos cinco horas por dia. A busca de respostas para esses questionamentos foi o que me conduziu a desenvolver esta pesquisa, utilizando mídias tecnológicas na prática pedagógica, fazendo a vez de professora junto aos alunos da já mencionada turma de alunos do Ensino Fundamental.

O fazer uso das mídias tecnológicas pelos alunos não é novidade, visto que já nasce envolta nestes meios como forma de entretenimento. Cabe a escola, portanto, enfatizar o fato dos alunos aprenderem e apreenderem, de forma significativa? O que lhes é disponibilizado, através desses suportes e procurar estabelecer uma relação dialética com as linguagens inerentes à TV, o rádio, o computador, a fotografia, a internet. Ao pensar nesta problemática, levantei o seguinte questionamento: promover um encontro das práticas educativas mediadas por meio tecnológicos, ancoradas ao contexto educacional, integradas aos conteúdos curriculares e à vivência dos alunos?

A tentativa, por parte do Ministério da Educação e Cultura (MEC), de que as mídias tecnológicas venham a ser utilizadas como recurso didático na prática pedagógica vem se dando desde a década dos anos 90, no Rio Grande do Norte, quando se inicia o processo de envio de computadores às escolas públicas da educação básica. Por outro lado, não podemos negar que tem havido bastante investimento em capacitação de professores para a utilização das mídias na educação. As universidades, por sua vez, também têm discutido e produzido estudos acerca do uso efetivo das mídias tecnológicas no processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, delinee a questão norteadora, o objeto de estudo, os objetivos e a trajetória desta pesquisa. Em seguida, apresentamos como o trabalho está estruturado.

## 1.1 QUESTÃO NORTEADORA

Necessidade de promover o encontro da prática educativa mediadas por meio tecnológicos, ancoradas ao contexto educacional, integradas aos conteúdos curriculares e à vivência dos alunos.

## 1.2 OBJETO DE ESTUDO

A articulação das mídias tecnológicas às práticas educativas escolares ancoradas por meios tecnológicos, contextualizadas ao cotidiano dos alunos.

## 1.3 OBJETIVO

O objetivo da pesquisa é experimentar práticas pedagógicas com a utilização de suportes midiáticos, considerando o que vem sendo trabalhado pelos professores multiplicadores do NTE nos cursos de formação continuada de professores da rede pública do Estado de RN.

## 1.4 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Para a realização da investigação da pesquisa optei fazer uso da pesquisa-ação que se caracteriza como uma metodologia coletiva, que possibilita discussões e produção coletiva/cooperativa de conhecimentos específicos sobre a realidade vivida, a partir da perspectiva da quebra das estruturas hierárquicas que separam pesquisador e pesquisados e ruptura das divisões em especialidades, que fragmentam o cotidiano. As investigações realizadas com este método focam a análise das redes de poder e o caráter dos discursos e das práticas instituídas no convívio social.

## 1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO

Na **introdução** desta pesquisa apresento as indagações que me motivou a realizar o estudo, práticas pedagógicas associadas ao uso das tecnologias midiáticas.



No segundo capítulo – **O trilhar metodológico**, contemplei os princípios teóricos metodológicos que nortearam a construção da pesquisa.

No terceiro capítulo – **O ProInfo: Estratégia para modernizar a escola**, são discutidos os aspectos históricos e filosóficos do ProInfo e sua implementação no Rio Grande do Norte. No quarto capítulo – **Linguagens midiáticas em sala de aula, numa abordagem construtivista**, se pauta no olhar das experiências e limitações diante do uso das tecnologias midiáticas encontradas no exercício da docência.

No quinto capítulo – **Pesquisa em práticas educativas escolares: Experiências em episódios**, desenvolve metodologias e estratégias de ensino, que permite a construção de uma prática docente e discente de qualidade. Por fim tecemos as **considerações finais** apresenta o caminho percorrido e os resultados obtidos com esta investigação.

Sendo assim, a realização dessa pesquisa mostra-se relevante, buscando oferecer subsídios que possam contribuir para a melhoria da prática metodológica dos educadores.

## 2 O TRILHAR METODOLÓGICO

Considerando a importância da metodologia na construção de qualquer estudo científico optei pela utilização de uma abordagem qualitativa que privilegia investigações que não podem ter seus dados quantificados.

Como metodologia de pesquisa fiz uso da Pesquisa-Ação que se caracteriza como uma metodologia coletiva, que possibilita discussões e produção coletiva/cooperativa de conhecimentos específicos sobre a realidade vivida, a partir da perspectiva da quebra das estruturas hierárquicas que separam pesquisador e pesquisados e ruptura das divisões em especialidades, que fragmentam o cotidiano. As investigações realizadas com este método focam a análise das redes de poder e o caráter dos discursos e das práticas instituídas no convívio social.

Para Thiollent (1986, p. 16),

[...] a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Em interação com a Pesquisa-Ação, também fiz uso da etnografia. Tal método investigativo tem origem nas Ciências Sociais e busca compreender o sentido que os indivíduos dão às suas práticas cotidianas. Envolve a imersão, a convivência, a observação como métodos e instrumentos de pesquisa. O papel do pesquisador na pesquisa etnográfica é de intérprete da realidade que ele está observando, ou seja, de dados empíricos, retirados de contextos reais e vivenciados pelos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I, de uma escola municipal de Natal/RN.

Na aplicação, ambas as metodologias partem da observação do fenômeno em seu “lugar natural”. O trabalho de campo vai, portanto privilegiar a investigação, a estadia junto à população estudada, a impregnação dos costumes e das práticas do grupo. Para apreender o ponto de vista dos outros, é necessário partilhar a sua realidade, a sua descrição do mundo e as suas marcas simbólicas.

Ao realizar a observação na perspectiva etnográfica vi a necessidade de desenvolver um “olhar etnográfico”, que define uma postura e não somente uma técnica. Esta postura pressupõe, ela própria, uma concepção da realidade tal como a apresenta o interacionismo simbólico. O real não se encontra aí pré-definido. Através da noção de definição da situação, impõe-se a ideia de que são os próprios atores que definem a situação na qual se encontram, e ao fazerem-na, estão a construí-la. Os papéis dos atores que parecem estar prescritos pela sociedade (e isso é particularmente evidente no caso da escola) são de fato construídos em relação ao sentido que eles conferem às diferentes situações para cuja elaboração contribui.

## 2.1 MÍDIA E EDUCAÇÃO: A IMPORTÂNCIA DA MEDIAÇÃO

O homem possui um sistema de atividade que delimita seu modo de conduta – por exemplo, neste sistema não está incluída a possibilidade de voar, mas o ser humano é superior a todos os animais pelo fato precisamente de que o raio de sua atividade se amplia ilimitadamente graças às ferramentas. Seu cérebro e sua mão têm estendido de maneira infinita seu sistema de atividade, quer dizer, o âmbito de alcance e possíveis formas de conduta (VIGOTSKI, 1995, p. 37).

As transformações ocorridas no mundo contemporâneo, desencadeadas por inovações tecnológicas, repercutem em todas as áreas, quer sejam sociais, políticas ou econômicas, vêm provocando modificações no processo de trabalho, o qual passa a exigir um novo perfil de trabalhador e uma produção de conhecimento cada vez maior, mais rápida e mais flexível. Articulada a estas mudanças, as políticas educacionais implementadas na década de noventa do século XX evidenciam necessidades de se adotar novos paradigmas que venham a atender as demandas dos setores produtivos, trazendo para os educadores um grande desafio a mudanças e à necessidade de aprender a conviver com estruturas de diferentes épocas que continuam entranhadas na prática educacional.

Nessa perspectiva, não se pode negar que a educação brasileira vive um momento singular no que se refere à formação de professores. O Plano Nacional de Formação de Professores<sup>2</sup> é um exemplo concreto das políticas do MEC voltadas para esse fim. Os professores, por sua vez, têm procurado cumprir os cronogramas dos cursos de capacitação/aperfeiçoamento com o objetivo de melhorar a prática docente, por reconhecerem

---

2 Disponível no site: <http://freire.mec.gov.br/index-static>. Acesso em: 20 de jun. de 2011.

a necessidade da reelaboração dos seus saberes docentes com vistas a uma melhor qualidade das atividades que desenvolvem. No entanto, a reflexão sobre a prática pedagógica de forma sistemática e intencional ainda não é uma constante, devido à interferência de fatores, tais como: a tripla jornada de trabalho dos professores, a maioria constituída de mulheres, casadas e com filhos, a falta de um tempo dentro da carga horária de trabalho para estudos sistemáticos e planejamentos, como também, a questões organizacionais da escola. Todavia, a mudança na concepção de como se deve ensinar exige do professor transformações significativas no seu fazer pedagógico.

Considero que o mundo político-social, cultural e econômico exige da escola o cumprimento de seu papel no sentido da aquisição, construção e reconstrução dos conhecimentos científicos e tecnológicos necessários à inserção de todos como cidadãos, nas práticas sociais e nas relações sociais de trabalho na contemporaneidade. Nesse contexto, as práticas pedagógicas devem ser encaminhadas com ética e sensibilidade, além de valores e habilidades, para a cidadania. Sendo assim, o professor em permanente formação para agir intencionalmente, tendo referência às diversas teorias que alicerçam a educação e o processo de construção do conhecimento e, acima de tudo, o respeito da pessoa e o meio no qual está inserida.

## 2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CONTEXTOS SOCIAIS

Observamos que as práticas pedagógicas, na atualidade, ainda se encontram praticamente desvinculadas dos contextos sociais, políticos, econômicos. Faz-se necessário compreender, analisar, refletir e questionar as reformas empreendidas pelas políticas educacionais, os princípios que a nortearam e norteia sem perder de vista o propósito por um mundo mais justo e igualitário. Nessa perspectiva, o professor necessita estabelecer relações com os alunos na sua singularidade e subjetividade e o ambiente, produzir saberes necessários ao desenvolvimento do conhecimento e, também, para a formação de pessoas mais sensíveis aos problemas pessoais e sociais. Defendo esse posicionamento, pois a formação do ser humano é tecida em um espaço de conflitos, desconstruções e construções do mundo, da consciência social e da cidadania.

Assim, não se concebe que o professor permaneça alheio ao contexto atual; é preciso que o mesmo se permita buscar novas formas de ensinar e permita que na extensão do espaço da sala de aula, novos formatos possibilitem a aquisição de conhecimentos. Com o advento da tecnologia informacional, o computador e a *Internet* vêm trazer mudanças nas formas de ensinar, de estudar, de aprender.

Para Valente (1993, p.3):

A implantação da informática na educação consiste basicamente de quatro ingredientes: o computador, o software educativo, o professor capacitado para usar o computador como ferramenta educacional e o aluno. O software educativo tem tanta importância quantos outros ingredientes, pois, sem ele, o computador jamais poderá ser utilizado na educação.

O uso contextualizado das mídias e tecnologias na educação demonstra que a mudança vem acontecendo. Muitos espaços escolares já dispõem de laboratórios de informática conectados à internet. Reconhecemos que a democratização do uso da internet pode modificar as práticas pedagógicas, tanto pela facilidade de acesso a redes sociais, a pesquisa, quanto à produção de materiais, entre outros. Embora tudo isso seja necessário na prática pedagógica dos professores, no entanto quando estes se propõem a utilizar as tecnologias midiáticas na sala de aula, ainda o fazem de forma descontextualizada. Não há um diálogo entre os textos, as informações com os assuntos ou temas trabalhados.

É com base neste olhar que considero como um dos grandes desafios para o professor, pois é preciso conhecer os instrumentos tecnológicos de forma instrumental, e incorporar estes recursos de forma processual dominando os campos textuais e linguagens neles hospedados. Para conduzir o processo de ensino de modo a ajudar o aluno a tornar as informações extraídas dos campos textuais e as linguagens mais significativas e, depois, formar os alunos para eleger as informações e saberes mais importantes entre tantas possibilidades de informações e saberes que estão incorporadas as mídias tecnológicas.

As experiências pedagógicas articuladas às mídias tecnológicas só terá relevância se os saberes trabalhados possibilitarem a compreensão pelo aluno. Para trabalhar pedagogicamente as linguagens midiáticas de forma contextualizada, que permita a construção do conhecimento e da aprendizagem dos alunos, o professor não pode perder de vista que estes estão rodeados por uma variedade enorme de recursos midiáticos, os quais influenciam seus modos de pensar, de se vestir, de lidar com outras formas de uso da língua/linguagem, com a música, com texto e suportes textuais. Esse movimento não é

absorvido pela escola, o que gera o estranhamento dos alunos tornando a escola um espaço de desconforto, fora da realidade vivida e concebida pelo aluno.

Assim, entendo que a escola como produtora de saberes e formadora das pessoas não perderem de vista a importância do papel das mídias e suas linguagens na sociedade contemporânea. Portanto, no processo pedagógico de ensino, é fundamental trabalhar com os alunos as diversas linguagens (textos orais e escritos, imagens em movimento, fotografias, etc.) que estão ancorados nos mais diversos suportes midiáticos.

O perfil do aluno na atual sociedade interage com desenvoltura ao estar em contato com a TV, as mídias móveis, o computador, as mídias sociais, os bancos de dados, entre outros, diferente do que se via há alguns anos. Os jovens, geralmente recorrem a *sites* de pesquisa para aprofundar o conhecimento, como *Wikipédia*, ou o *site* de busca como o *Google*, as bibliotecas virtuais, além das socializações em redes sociais acerca de temas do seu interesse onde tem a oportunidade de interagir com outras pessoas em qualquer parte do planeta.

O Brasil tem atualmente 191,4 milhões de linhas de telefones celulares, número próximo ao da população do país, estimado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) em 192 milhões de habitantes, os programas de conversação *on-line*, como o *MSN* com 30,5 milhões e o *Orkut* com 34 milhões e *facebook* com 37 milhões de usuários ativos, na sua maioria estudantes.

Isso pode ser alterado, a partir de práticas possíveis se utilizando de suportes tecnológicos como *fóruns*, *chat*, trocas de mensagens instantâneas, que permitem uma interação dos alunos/alunos, professores, entre outros, tanto por um contato individualizado, através das mensagens enviadas ao perfil de alunos e professores, como através dos espaços de debates, os *fóruns*, espaço este onde alunos e professores podem dialogar sobre temas que contribuirão na sua formação. As ideias de Vigotsky(1995) concebem o meio social como decisivo para que o sujeito possa internalizar o conhecimento adquirido e passe a assumir os dados da realidade como seus. O autor ressalta ainda que são os homens em sua atividade concreta, os pontos de partida para a construção do conhecimento e, por conseguinte, tal atividade acontece de maneira relacional. Desse modo, a proposta é de uma abordagem que não seja teórica, meramente contemplativa, tampouco prática sem nenhuma fundamentação, mas teórico prática, uma vez que a teoria como um processo historicamente construído guiará a prática, possibilitando assim uma construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, Lessard e Tardif (2008, p.9) fazem a seguinte afirmação:

Sabemos hoje que o trabalho do docente representa uma atividade profissional complexa e de alto nível, que exige conhecimentos e competências em vários campos: cultura geral e conhecimentos disciplinares; psicopedagogia e didática; conhecimentos dos alunos, de seu ambiente familiar e sociocultural; conhecimento das dificuldades de aprendizagem, do sistema escolar e de suas finalidades; conhecimento das diversas matérias do programa, das novas tecnologias da informação e da comunicação; habilidade na gestão de classe e nas relações humanas, etc.

É importante ressaltar que os professores devem estar capacitados para usar com propriedade as linguagens midiáticas tendo em vista a contribuição que estes recursos podem oferecer ao processo ensino-aprendizagem, de forma a melhorar a aprendizagem e o conhecimento do aluno. Os usos dessas linguagens podem auxiliar, inclusive, na melhor integração entre a teoria e a prática do professor e, este com seus alunos. Defende-se, portanto, que o trabalho a ser desenvolvido pela escola, através de seus professores, precisa ser modificado, porque as crianças e os jovens que ora frequentam a educação básica compreendem e apreendem o mundo de forma diferente das gerações que os antecederam. Segundo Babin e Kouloumdjian (1989), trata-se da geração do audiovisual que nasceu e está crescendo num mundo caracterizado pelas múltiplas configurações e pela forte influência daquilo que é disponibilizado através dos suportes midiáticos.

A principal razão da presença física dos suportes midiáticos na escola está no fato de que essas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social. Assim sendo, torna-se necessário e urgente integrar essas tecnologias às práticas pedagógicas: já estão integradas, há muito tempo, à vida de crianças, adolescentes e adultos. É fato que a partir da banalização das tecnologias midiáticas ocorreu uma inversão dos papéis tradicionais: adulto-que-sabe, criança-não-sabe; mais autonomia das crianças e jovens, assim como uma ruptura ética na compreensão de muitos elementos do mundo como a política, a sexualidade e a violência. A visão de mundo dessas crianças e jovens é totalmente diferente das gerações precedentes. A rapidez do avanço técnico é tal que as gerações adultas, só com esforço, conseguem acompanhar e perceber a naturalidade na apropriação por essa geração, das informações obtidas a partir de contato com as mídias sem a intervenção didática e formativa do adulto.

Empregar as mídias tecnológicas a favor da educação é saber utilizá-la como recurso que busca uma melhor qualidade do processo educacional. “Tecnologia é um conjunto de discursos, práticas, valores e efeitos sociais ligados a uma técnica particular num campo particular” (BELLONI, 1999. p.53). As novas mídias podem ajudar o professor no processo de ensino aprendizagem e cabe ao professor perceber qual recurso deve, quando e como usar.

### 2.3 O PROFESSOR COMO ORGANIZADOR DE APRENDIZAGENS

Afirmar que “existe uma forte correlação entre "conhecer o conteúdo que se deve ensinar", isto é, o domínio do conteúdo pelo professor e como esse conteúdo deve ser trabalhado com o aluno, isto é, o conteúdo escolar” (CARVALHO; PEREZ, 2001, p.110). O como trabalhar o conteúdo, em que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 22) vai exigir do/a professor/a uma reflexão sobre a prática que não seja um fim em si mesma, mas um meio possível e necessário para que se possa operar um processo de mudança no modo de ser da educação.

Freire (1996, p.30) afirma que:

[...] à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] Por que não estabelecer uma "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?.

Assim, o professor deixa de ser um mero transmissor do conhecimento, passando a ser mais

[...] um organizador de aprendizagens, de aprendizagens via os novos meios informáticos, por via dessas novas realidades virtuais", como também, compreende o conhecimento, sendo "capaz de reorganizar, de reelaborar e de transpô-lo em situação didática em sala de aula (NÓVOA, 2001)<sup>3</sup>;

Já na visão de Freire (1996, p.38), não exercerá uma prática pedagógica espontânea, mas com “a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito”. O grande desafio posto para os professores é o de compreender os novos modos de perceber e de aprender que os alunos desenvolvem desde muito jovens, fora da escola, seja por formas colaborativas de aprendizagens possibilitadas pelos suportes midiáticos, seja pela capacidade de processarem múltiplas informações simultaneamente, entre outras.

---

<sup>3</sup>Disponível no site:< [http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=59](http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59)> acesso em: 19 de abril de 2011.



Nóvoa (2001)<sup>4</sup>, ao tratar da complexidade em que se transformou o ser professor, na atualidade, afirma:

É difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos os alunos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado.

Nessa perspectiva, a escola básica integral para todos com tecnologias, projetos de aprendizagem inovadores (usos criativos, críticos e inteligentes podem fazer dos suportes midiáticos ferramentas de democratização do acesso ao conhecimento e à cultura), integração de linguagens, ciências e artes, tornou-se uma política a ser implementada em caráter de urgência. Pretende-se, assim, que seja oferecida uma formação onde a construção do conhecimento seja desenvolvida numa perspectiva democrática de inclusão, de solidariedade e compromisso com uma sociedade mais justa e igualitária. Ou seja, defende-se a junção de projetos de aprendizagens inovadores somados a uma escola de tempo integral como o melhor caminho para a melhoria da educação pública que acumulou atrasos que é preciso recuperar.

Por outro lado, a banalização das tecnologias midiáticas fez crescerem as desigualdades entre as crianças consumidoras de mensagens e conglomerados produtores de conteúdos, além da percepção da cidadania fragilizada pela situação de pobreza e exclusão, o que pode interferir no desenvolvimento de processos de autonomia e emancipação. Os usos destes recursos didáticos, como auxiliar na prática pedagógica, são de grande importância, embora os professores ainda encontrem dificuldades em integrar de forma sistematizada e com qualidade os conteúdos curriculares ancorados às mídias tecnológicas, proporcionando um ensino com qualidade, que permita formar um aluno leitor e escritor, crítico e reflexivo, enquanto sujeito social. Na escola, ao serem utilizadas como suporte didático-pedagógico, as mídias tecnológicas se apresentam como âncora entre os conteúdos curriculares e os alunos.

Masetto (1997) (Informação verbal)<sup>5</sup>, ao falar sobre a importância dos conteúdos na formação dos alunos afirma:

---

4 Disponível no site: <[http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=59](http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59)> acesso em: 19 de abril de 2011.

5 Professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em sua fala apresentada no vídeo de apoio aos Parâmetros Curriculares Nacionais, Volume Introdutório – 1ª a 4ª série.

[...] Esses conteúdos ao mesmo tempo em que deveriam estar trazendo os conhecimentos da humanidade, também deveriam estar dando oportunidade para integrá-los com as situações reais, atuais e presentes na vida dos nossos alunos, fora da escola. E da forma de que não tivessem duas vidas, uma dentro e outra fora da escola; mas uma só, onde o aluno pudesse da sua vida real, trazer os seus problemas, os seus conhecimentos para a escola, aí discuti-los com os professores, compará-los com a ciência e voltar novamente para a sua vida, agora com novas luzes e novas ideias, para atuar nessa sociedade como cidadão consciente, crítico e como um cidadão compromissado em transformar essa sociedade.

Desta forma, os professores precisam conhecer o potencial e o papel social que estes recursos midiáticos imprimem na sociedade, para utilizá-los de forma a contribuir na construção e formação do conhecimento dos alunos, pertencentes a uma cultura globalizada, pós-moderna, fragmentada e fragmentadora; e onde a escola seja um instrumento político de mudança, que contribua para compensar as profundas desigualdades que o acesso desigual que às informações vai gerando a cada dia.

Uma educação de qualidade não depende apenas do ser e do saber docente, pois as mudanças ocorrem todos os dias e os alunos concebem essas mudanças no seu cotidiano, não só pelos meios de comunicação, seja no que diz respeito à segurança, a política, a tecnologia ou ao meio ambiente, enfim, eles têm o acesso a inúmeras informações descontextualizada da sociedade. E como os professores podem lidar com esses desafios.

### **3 O PROINFO: ESTRATÉGIA PARA MODERNIZAR A ESCOLA**

O ProInfo, inicialmente denominado de Programa Nacional de Informática na Educação, foi criado pelo MEC, através da portaria nº 522 em 09 de abril de 1997, com a finalidade de promover o uso da telemática como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público fundamental e médio. As ações do Programa eram desenvolvidas pela Secretaria de Educação a Distância<sup>6</sup> (SEED/MEC) em articulação com as Secretarias Estaduais de Educação, com o Distrito Federal, e Secretarias de Educação de alguns Municípios. A tarefa de melhorar o sistema educacional, dinâmico e complexo, exige atuação em múltiplas dimensões e decisões fundamentadas, seguras e criativas. De um lado, há melhorias institucionais, que atingem instalações físicas e recursos materiais e humanos, tornando as escolas e organizações educacionais mais adequadas para o desempenho dos papéis que lhes cabem. De outro, há melhorias nas condições de atendimento às novas gerações, trazidas por adequação nos currículos e nos recursos para o seu desenvolvimento num nível tal que provoquem ganhos substanciais na aprendizagem dos/as alunos/as.

A parceria entre os governos federal, estaduais e municipais era de fundamental importância para o atendimento às escolas públicas. O Governo Federal responsável pelo envio dos computadores às escolas e à capacitação dos/as professores/as multiplicadores/as dos NTE; e aos governos estaduais e municipais a preparação da infraestrutura dos laboratórios de informática e oferecer às escolas o suporte técnico e pedagógico para utilização desses laboratórios.

A partir de 12 de dezembro de 2007, mediante o Decreto nº 6.300, o ProInfo passa a ser denominado de Programa Nacional de Tecnologia Educacional, tendo como principal objetivo promover a utilização pedagógica das novas tecnologias da informação e comunicação nas redes públicas da educação básica. Nesse momento, a União dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) de todas as unidades federativas do Brasil, passaram a integrar as coordenações estaduais do ProInfo, antes representada apenas por um profissional indicado pelas secretarias estaduais de educação. Ou seja, a coordenação de cada estado passa a ser constituída por dois profissionais com competências específicas no âmbito de sua atuação. A finalidade maior dessa integração é promover a formação continuada dos/as

---

<sup>6</sup> A Secretaria de Educação a Distância foi oficialmente criada pelo Decreto nº 1.917, de 27 de maio de 1996 e não mais faz parte do organograma do MEC, a partir da reestruturação desse Ministério pelo Decreto Nº 7.480, de 16 maio de 2011.

professores/as, gestores e demais atores da escola, tendo como foco o uso das tecnologias digitais no processo ensino-aprendizagem.

### 3.1 O PROGRAMA NACIONAL DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO NO RN

A educação do Estado do Rio Grande do Norte vem participando das ações desenvolvidas pelo ProInfo desde sua criação, em 1997, quando da adesão e da assinatura do Termo de Cooperação Técnica entre a SEED/MEC e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC/RN). A multiplicidade de cursos de especialização em Informática Educativa foi uma das primeiras ações do Programa Nacional de Informática na Educação, ocorrendo simultaneamente em vários pontos do país.

O primeiro passo para a implementação do ProInfo no RN foi a abertura das inscrições para a seleção de professores/as multiplicadores/as. No RN participaram dessa seleção professores/as da rede estadual e municipal em Natal, Mossoró e Caicó. Assim, em maio de 1997, através da SEEC/RN, foram selecionados 12 (doze) professores, destes são: 02 (duas) pedagogas, 01 (um) biólogo, 01 (um) administrador, 03 (três) geógrafos, 01 (um) físico, 01 (um) professor de educação física, 02 (dois) professores de Língua Portuguesa, 01 (um) professor de Matemática, para participar de um Curso de Especialização em Informática na Educação, ministrado pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em convênio com o MEC, no período de 14 de julho de 1997 a 31 de março de 1998. A escolha se deu por meio da avaliação do curriculum e entrevista, o educador também precisava ter conhecimento em informática básica, ou seja, conhecer os aplicativos *MS Word*, *Excell* e *Power Point*, o que na época eram poucos os professores que tinha este conhecimento. A princípio também se falava em uma bolsa de R\$ 500,00 (Quinhentos Reais) como incentivo para o professor, o que nunca veio a acontecer. Assim foi a forma ingresso no ProInfo, no ano de 1997, na busca de conhecer, aprender a usar de forma pedagógica estas novas tecnologias da informação e comunicação.

O referido curso foi em modalidade presencial, com carga horária de 360 horas/aulas e atendeu aos professores de 02 (dois) estados: Paraíba e Rio Grande do Norte. O Curso foi oferecido com 03 (três) meses de duração o que fez a UFRN se retirar da concorrência, embora o curso já estivesse todo estruturado. O esperado pela UFRN era um curso com

duração de 06 (seis) meses com uma carga horária menor e mais tempo para leitura e reflexão. O MEC não aceitou a proposta oferecida e no impasse a UFPB aceitou realizar o curso em 03 (três) meses, como foi descrito aqui.<sup>7</sup>

Todos os participantes assumiram um termo de compromisso em que afirmavam assumir a condição de atuar como professores/as multiplicadores/as do ProInfo/ /RN. A SEEC fornecia uma bolsa de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) mensais, para o custeio de moradia, transporte e alimentação. O curso aconteceu na modalidade presencial, 08 (oito) horas diárias, cada módulo tinha carga uma carga horária de 30 (trinta) horas/aulas. A grade do Curso compreendia os seguintes módulos: Introdução à Microinformática, Processamento de textos e softwares de apresentação, Planilhas eletrônicas e Bancos de dados, Redes de comunicação em Educação, Introdução à informática educativa, Instrução ancorada à multimídia, Linguagem e filosofia Logo, Informática e ensino de Ciências, Informática e ensino de línguas, Informática e Educação Matemática, Metodologia do Ensino Superior, Ciência Cognitiva, Educação e Tecnologia, Tópicos em Informática na Educação e Monografia. Terminado o Curso de Especialização em Informática na Educação ficou a desejar, pois foi muito centrado no instrumento técnico.

Concluindo a especialização, já não voltei para a instituição de ensino em que trabalhava anteriormente, pois em março de 1998 fiquei a disposição do ProInfo/RN, no qual respondia na Coordenadoria de Projetos Especiais da SEEC/RN, até ser inaugurado os NTEs em dezembro do mesmo ano. Este período de março a novembro enquanto os NTEs estavam sendo estruturados, a elaboração do plano de trabalho se deu neste período. O Plano foi elaborado no viés do Curso de Especialização, denominado Curso de Capacitação em Informática na educação. Neste mesmo ano são criados os 04 (quatro) NTEs, através do Decreto nº 14272, publicado no Diário Oficial do Estado em 30 de dezembro de 1998, disponibilizados da seguinte maneira: 02 (dois) no município de Natal, sendo 01 (um) no Atheneu Norte-rio-grandense e 01 (um) no Instituto de Formação Superior Presidente Kennedy; 01 (um) no município de Caicó no Centro Educacional José Augusto; e outro no município de Mossoró, na Escola Estadual Jerônimo Rosado. Os NTEs são estruturas descentralizadas de apoio técnico pedagógico ao processo de informatização das escolas e de capacitação de professores/as em informática na educação, análise de softwares, suporte técnico e manutenção de Hardware.

---

<sup>7</sup> Entrevista com o Professor Dr. Arnon Mascarenhas de Andrade um dos representantes da UFRN na elaboração da proposta.

Ao integrar a equipe de professores multiplicadores do NTE, responsável pela capacitação e formação continuada de professores/as da rede pública de ensino em informática educacional, para utilizar os suportes midiáticos, tinha como objetivo a ênfase ao uso do computador, de tutoriais, software educativos e também da internet, como um recurso auxiliar na prática pedagógica, que promovessem mudanças educacionais. Que propiciassem à construção de novas competências e habilidades necessárias à formação do professor, para o exercício da cidadania e a aprendizagem permanente, visando construir uma educação com qualidade e que contribuísse efetivamente para a melhoria do ensino público brasileiro.

Embora muitos acreditassem que o fato de se estar instalando computadores nas escolas e oferecendo cursos de informática aos professores, aos gestores e aos alunos estavam atendendo aos objetivos do ProInfo. No entanto, estas iniciativas apenas informatizam as escolas, tentando fazer a inclusão digital dos professores e dos alunos. Ainda estava distante da inclusão pedagógica, mesmo porque, o acesso aos equipamentos não significa democratização do uso da tecnologia. Saber usar a máquina apenas é estar desenvolvendo competências e habilidades técnicas, o que não se configura uma mudança na prática pedagógica. Refazer paradigmas, repensar o processo de ensinar e de aprender. O Professor Arnon Andrade adverte: “as tecnologias por si só não educam e quando a tecnologia muda os modos de percepção da realidade, esta evolui com a técnica, implicando novas maneiras de ver e perceber o mundo.”(informação verbal)

Os professores precisavam aprender e empregar essas tecnologias para pesquisar, desenvolver projetos e construir novos conhecimentos que pudesse suscitar o desenvolvimento de novas competências e habilidades no âmbito escolar.

O papel desse professor capacitado seria então, aprender e dominar recursos tecnológicos para utilizar e enriquecer os ambientes de aprendizagem, em interação com os alunos. Nos cursos de capacitação ministrados, as discussões em torno do uso dos computadores nas escolas, como recurso pedagógico, tornou-se o tema em questão. Durante os debates, geravam dúvidas de como os computadores seriam usados nas escolas públicas e qual a concepção do uso computador na escola como mais um recurso didático.

O NTE Kennedy, do qual faço parte, está localizado na Av. Jaguarari, 2100, Lagoa Nova, no município de Natal/RN, dispondo de 02 (dois) laboratórios de informática, conectado à Internet Banda Larga, equipados, cada um deles com 15 (quinze) computadores, 03 (três) impressoras, 01 (uma) sala de aula teórica equipada com TV, vídeo e DVD, data show e sala da administração do referido NTE.

Percorrendo o caminho trilhado por esse núcleo, desde 98 a 2000, registro o atendimento a 14 (quatorze) escolas, sendo estas: 10 (dez) estaduais e 04 (quatro) municipais, cada uma com 14 (quatorze) ou 18 (dezoito) computadores, dependendo do número de alunos matriculados – os computadores se encontravam em rede, mas sem acesso à *Internet*. Estas escolas vinculadas a este NTE tinham o acompanhamento dos professores multiplicadores para ajudar o professor cursista colocar em prática o que tinham aprendido nos cursos de capacitação, pois ao final de cada curso o professor desenvolvia um projeto didático junto aos seus alunos.

Quando, em novembro de 1998, inicia o primeiro Curso de Capacitação em Informática na Educação, para os professores das escolas que tinham laboratórios de informática, estes teriam que frequentar o curso no contra turno de trabalho. O Programa do referido curso foi elaborado por nós, multiplicadores, seguindo os objetivos do ProInfo com carga horária de 180 horas/aulas. A carga horária era dividida por tutorial, Introdução do *SO Windows*, e os tutoriais da *Microsoft* como *MS Word*, *Excell*, *Power Point*, todos interligados ao uso pedagógico e à *internet*. Vale salientar que naquela época o provedor da *internet* disponível em nosso NTE rodava numa velocidade de 24 *kbps*, em rede com 50 (cinquenta) máquinas interligadas, o que deixava os professores cursistas desesperados. Ao final do curso, o professor desenvolvia um projeto didático na escola onde estava lotado, com uma turma de alunos, usando dos conhecimentos adquiridos durante o curso. Nesse período, não se utilizava da *internet*, pois a mesma ainda não estava conectada nas escolas. Cada turma, composta de 20 (vinte) professores cursistas, com atendimento as segundas e quartas-feiras ou terças e quintas-feiras.

A sexta-feira ficava reservada para reunião dos professores multiplicadores socializarem e avaliarem acerca do rendimento da turma, das dificuldades apresentadas durante a semana e a realização do planejamento da semana seguinte.

Além das capacitações, que acontecem no NTE, também acompanho as escolas para orientar na implementação dos laboratórios de informática, realizar encontros pedagógicos com o intuito de sensibilizar os educadores a respeito das capacitações, participação em oficinas e minicursos sobre os recursos tecnológicos e o desenvolvimento de projetos educacionais.

Ao final do curso, já em outubro de 1999, não houve desistência dos professores cursistas, embora fosse visto um grau de dificuldade apresentada no percurso no que diz respeito à apropriação e uso dos tutoriais à prática pedagógica. Detectadas as dificuldades,

fazíamos acompanhamento às escolas junto aos professores, para que fossem superadas as dificuldades ao uso desses recursos.

No referido biênio, foram capacitados 334 (trezentos e trinta e quatro) professores, estes divididos em 03 (três) turnos manhã, tarde e noite; 50 (cinquenta) alunos técnicos de suporte; formados com o objetivo de contribuir com um bom funcionamento do laboratório. Neste ínterim o ProInfo aumenta o número de escolas contempladas com computadores e acontece o II Curso de especialização em Informática na Educação, também na modalidade presencial, na mesma instituição (UFPB), como também é oferecido curso de formação continuada para multiplicadores dos NTEs em suporte técnico. Este curso não atendia ao número total de multiplicadores, sendo selecionados os professores que tinham mais habilidade com *hardware* aqueles, depois de capacitados socializariam com os demais multiplicadores. No entanto, a socialização não ocorria criando assim lacunas na formação dos demais multiplicadores em adquirir conhecimento técnico.

No ano de 2001, continuávamos a trabalhar com o mesmo número de escolas, com um número de 270 (duzentos e setenta) computadores e destes 50 (cinquenta) conectados à *internet*, quando foram capacitados 232 (duzentos e trinta e dois) professores/as, no mesmo formato de curso, 180 (cento e oitenta) horas/aulas.

Dos idos 1998 a 2001, já tínhamos realizado 03 (três) cursos de formação com carga horária de 180 horas/aulas, para um número considerado de professores, e percebíamos que os conhecimentos trabalhados nos cursos não refletiam na escola onde estes lecionavam. Quando do assessoramento às escolas, os professores sempre vinham com justificativas em não fazer uso do laboratório de informática, como: não tinham segurança para levar a turma, precisava de tempo para planejar e diante de múltiplas atividades não dispunham de tempo e ainda tinha os alunos que tinham mais domínio no manuseio dos computadores do que eles, os professores.

Diante deste cenário nós, professores multiplicadores, resolvemos redimensionar os cursos a partir da redução da carga horária, focando em cursos temáticos que atendessem as mais diversas dificuldades enfrentadas pelo professor: produção de textos, histórias em quadrinho, livro, entre outros, procurando sempre focar o grau de dificuldade do professor. Esses cursos também podiam ser frequentados pelos professores que tinham realizados os cursos anteriores. Vale salientar que todos os cursos estavam associados aos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>8</sup> (PCN) e aos conteúdos curriculares.

---

8 Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.



Criamos cursos específicos para os alunos, intitulados alunos monitores, com o objetivo de que estes jovens pudessem assessorar seu professor quando fosse usar o laboratório de informática, como também no que se refere à parte de hardware, pelo fato dos alunos terem uma facilidade enorme de assimilação e de aprendizagem.

No período de 2002 a 2010, além de capacitarmos os/as professores/as e alunos/as, contemplamos diretores, pessoal de secretaria; promovemos eventos abertos, objetivando socializar o que estava sendo desenvolvido nas escolas integradas ao ProInfo/RN. Nesse período, capacitamos 1.509 (um mil quinhentos e nove) professores/as, 76 (setenta e seis) diretores, 134 (cento e trinta e quatro) alunos/as técnicos e 228 (duzentos e vinte e oito) profissionais em oficinas específicas. Ao comparar o número de professores, funcionários e alunos beneficiados com o universo de professores no nível de ensino correspondente

Assim, relato apenas alguns fragmentos da história desse momento inicial do ProInfo, recheadas de dificuldades e angústias enfrentadas, que não só se configura pela prática dos professores em não aplicar os conhecimentos trabalhados durante os cursos, mas também pela falta de cuidado com as máquinas, ou quando o diretor leva a chave da sala do laboratório para sua casa, pois só ele pode abrir a sala ou até mesmo quando chego à escola para auxiliar o professor, e a encontro sem alunos pelas mais diversas razões, as quais se tornaram públicas através de denúncias realizadas por aqueles professores que se aventuram a fazê-las, embora sem respostas satisfatórias. É importante lembrar que não se trata de introduzir algumas variáveis no dia a dia da escola, mas, de mudar uma cultura, em condições extremamente precárias e sem que isso correspondesse de imediato em aumento de salário, redução de jornada ou melhores condições de trabalho.

### 3.2 O PROGRAMA NACIONAL DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL NO RN

O ProInfo foi redefinido pelo Decreto nº 6.300 , em 12 de dezembro de 2007, apresentando uma nova versão, intitulado Programa Nacional de Tecnologia Educacional, no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação 2007-2010<sup>9</sup>, constituído por mais de 50

---

9 O Plano de Desenvolvimento da Educação inclui um diagnóstico detalhado sobre o ensino público e ações com foco na formação do professor. Disponível em: (<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/pde-299348.shtml>). Acesso em: 22 de jun. 2011.

(cinquenta) programas, executados na conjugação dos esforços da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, o qual postula a integração de três componentes:

- a. a instalação de ambientes tecnológicos nas escolas (laboratórios de informática com computadores, impressoras e outros equipamentos e acesso à Internet banda larga);
- b. a formação continuada dos professores e outros agentes educacionais para o uso pedagógico das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC);
- c. a disponibilização de conteúdos e recursos educacionais multimídia e digitais, soluções e sistemas de informação disponibilizados pela SEED/MEC nos próprios computadores, por meio do Portal do Professor, da TV/DVD Escola, etc<sup>10</sup>.

No entanto, é preciso registrar que a implementação de qualquer política para a educação básica brasileira sempre será uma tarefa complexa, por se tratar do setor brasileiro que envolve o maior quantitativo de recursos humanos e usuários. E, no caso do ProInfo, por pretender atingir todo esse segmento da educação brasileira em três dimensões: infraestrutura, formação continuada e conteúdos digitais, faz-se necessário um planejamento bem mais elaborado para que sua implementação possa ser efetivada.

Por outro lado, com o mesmo regime de cooperação e colaboração com a União, Estados e Municípios da versão anterior, no que diz respeito à mobilização, compromisso e responsabilidade social, a nova versão do ProInfo apresenta uma maior infraestrutura, o que possibilita a implementação da modalidade de ensino por meio da Educação à Distância (EaD), através da plataforma e-proinfo. Estende-se, assim, a oportunidade àqueles professores que não dispõem de tempo para fazer sua capacitação presencial – professores que moram em lugares de difícil acesso, mas que tem computador e *internet* –, e também a possibilidade de atender um número maior de professores em processo de formação, como também a oportunidade de usar diversos ambientes e campos textuais.

A formação continuada foi materializada no Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional (ProInfo Integrado) que congrega um conjunto de processos formativos, dentre eles o curso Introdução à Educação Digital (40h), o curso Tecnologias na Educação: Ensinando e Aprendendo com as TIC: (100h) e o curso Elaboração de Projetos. O objetivo central desse Programa é a inserção de tecnologias da informação e comunicação (TIC) nas escolas públicas brasileiras, visando principalmente: promover a inclusão digital dos professores e gestores escolares das escolas de educação

---

10 Guia do Cursista (Apresentação do Curso: Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC).

básica e comunidade escolar em geral; dinamizar e qualificar os processos de ensino e de aprendizagem com vistas à melhoria da qualidade da educação básica<sup>11</sup>.

A partir de 2007, o MEC pretendia universalizar os laboratórios de informática para todas as escolas do ensino fundamental e médio das zonas urbanas e rurais, interligadas à internet, até 2010, via antenas parabólicas do Programa Governo Eletrônico de Serviço de Atendimento ao Cidadão (GESAC)<sup>12</sup> e do Programa Banda Larga na Escola<sup>13</sup>, via telefonia fixa, respectivamente. Não há dados, até o momento, que possa nos fornecer informações acerca da efetivação dessa meta.

Nessa perspectiva, fez-se necessária a ampliação do número de NTEs para atender a demanda de formação gerada pelo Programa. Assim, em 2008, foi criado mais um NTE com sede na SEEC/RN e feita à solicitação ao MEC, por meio de um Plano Tecnológico Educacional da criação de mais 13 (treze) NTEs no RN. Em 2009, foram homologados os NTEs solicitados, sendo distribuídos nas sedes das Diretorias Regional de Educação (DIREDE), totalizando 18 (dezoito) núcleos estaduais.

Em relação aos Núcleos de Tecnologia Municipais, até a criação do Decreto Nº 6.300, existia apenas o NTE Natal<sup>14</sup>. Segundo depoimentos da ex-coordenadora do ProInfo pela UNDIME/RN, professora Maria de Lourdes Valentim Barbalho e da atual coordenadora, professora Maria Aparecida Inácio de Araújo, a implementação desse Programa nos municípios do RN se deu a partir da criação de uma rede de cooperação entre os municípios –

---

11 Guia do Cursista (Apresentação do Curso: Tecnologias na educação: ensinando e aprendendo com as TIC).

12 Coordenado pelo MiniCom, por meio do Departamento de Infraestrutura para Inclusão Digital, em parceria com outros órgãos e entidades, o Gesac oferece ferramentas em tecnologias para a informação e comunicação (TICs), recursos digitais e capacitação por meio de uma plataforma de rede, serviços e aplicações, com o objetivo de promover a inclusão digital em todo o território brasileiro. Criado há mais de oito anos, o GESAC busca disseminar meios que permitam a universalização do acesso às informações e serviços de governo eletrônico. O Programa é voltado, prioritariamente, para comunidades em estado de vulnerabilidade social, em todos os estados brasileiros, privilegiando as cidades do interior, sem telefonia fixa e de difícil acesso. Para oferecer uma alternativa de acesso ao computador e à internet, o Gesac e seus parceiros disponibilizam a infraestrutura fundamental para a expansão de uma rede. Milhares de brasileiros passam a dispor de equipamentos de informática e, ainda, do acesso à internet. É a oportunidade de inserção no mundo das tecnologias de informação (TICs) e comunicação por meio de uma iniciativa governamental pública, gratuita e democrática. Disponível em: <<http://www.gesac.gov.br/>> acesso em: 11 jun. 2011

13 O Programa Banda Larga nas Escolas foi lançado no dia 04 de abril de 2008 pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 6.424 que altera o Plano Geral de Metas para a Universalização do Serviço Telefônico Fixo Comutado Prestado no Regime Público – PGMU (Decreto nº 4.769). Com a assinatura do Termo Aditivo ao Termo de Autorização de exploração da Telefonia Fixa, as operadoras autorizadas trocam a obrigação de instalarem postos de serviços telefônicos (PST) nos municípios pela instalação de infraestrutura de rede para suporte a conexão à internet em alta velocidade em todos os municípios brasileiros e conexão de todas as escolas públicas urbanas com manutenção dos serviços sem ônus até o ano de 2025. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=823&id=15808&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=823&id=15808&option=com_content&view=article)>. Acesso em: 22 jun. de 2010.

14 Criado pela Lei Complementar Nº 077, de 28 de novembro de 2006, publicada no Diário Oficial do Município em 29 de novembro de 2006.

recomendou-se/solicitou-se que cada dirigente municipal de educação dos 167 municípios do RN, apontasse um professor do seu quadro efetivo para atuar como dinamizador municipal do ProInfo, preferencialmente um pedagogo, cursista do Programa de Formação Continuada Mídias na Educação da SEED/MEC. Ou seja, aquele profissional que evitaria os "ruídos da comunicação" entre a SEED/MEC e a secretaria de educação na qual atua, devendo ficar em sintonia com a coordenação estadual do ProInfo. Os dirigentes municipais de educação responderam de forma bastante satisfatória à recomendação/solicitação ao ser registrada a presença de 114 (cento e quatorze) professores no I Encontro dos Dinamizadores Municipais do ProInfo RN, dias 18 e 19 de setembro de 2008, em Natal/RN. Durante o referido encontro, os dinamizadores tiveram a oportunidade de se apropriar das informações que a coordenação estadual do ProInfo disponibilizava, oriundas da participação dessa coordenação em reuniões técnicas ocorridas em Brasília, além de retornarem para seus municípios com o roteiro daquilo que iriam realizar, no segundo semestre de 2008. Para os que não eram alunos do Curso de Formação Continuada Mídias na Educação, foi dada a oportunidade de cursar a Especialização em Tecnologias na Educação, oferecida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em parceria com a SEED/MEC, por entender que estes profissionais precisavam dessa formação para mediar o processo de implementação do ProInfo nas redes de ensino onde atuavam.

A formação continuada dos professores das redes municipais de ensino foi iniciada em 02 (dois) municípios (Parelhas e Tangará), ainda em 2008, sendo ministrada por bolsistas do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), profissionais que atuam também como dinamizadores.

O ProInfo/RN na esfera municipal conta com a adesão de 166 municípios, os quais têm participado das diversas capacitações e formações, tanto de alunos como de professores, tais como: Aluno Integrado, Especialização em Tecnologias na Educação PUC/RIO, Especialização em Mídias na Educação, curso de inglês, como também os cursos do ProInfo Integrado. Apenas 01 (um) município ainda não fez a adesão, mas já há um contato entre a coordenadora estadual e a secretária de educação deste município.

Os cursos do Proinfo Integrado tem se expandido consideravelmente pelo estado. Hoje existem 112 (cento e doze) municípios desenvolvendo tais cursos, cerca de 8.239 (oito mil, duzentos e trinta e nove) professores/as das redes municipais de ensino foram capacitados entre 2010-2011. No segundo semestre do corrente ano serão abertas mais 100 (cem) vagas para oferta destes cursos no estado, o que aumentará o percentual de professores/as

capacitados/as. Atualmente contamos com 14 (quatorze) Núcleos de Tecnologias Municipais (NTM) implantados nos municípios de: Alto do Rodrigo, Caicó, Canguaretama, Currais Novos, Ipanguaçu, Macau, Mossoró, Natal, Parelhas, Pendências, São Rafael, Santo Antônio, Serrinha e Tangará. Há dois NTM em processo de homologação nos municípios de Serrinha dos Pintos e São Gonçalo do Amarante.

Os municípios de Assú, Ipanguaçu, Natal, Santa Cruz e São Paulo do Potengi foram beneficiados com o projeto UCA (Um Computador por Aluno)<sup>15</sup> uma iniciativa do governo federal em parcerias com as secretarias estadual e municipal na implementação de computadores para cada aluno nas escolas públicas. O seu principal objetivo é desenvolver esforços para empreender uma mudança pedagógica com ações inovadoras no contexto escolar e na sala de aula, com vistas à melhoria da qualidade da educação. O projeto disponibiliza o laptop conectado a *Internet* para o aluno e professor, com a proposta de gerar novas dimensões e acesso à informação e novas relações com o saber que podem resultar em tendências educacionais inovadoras, descortinando novos e promissores horizontes de trabalho do conhecimento nas escolas.

O ProInfo Integrado, através dos NTEs tem configurado como um colaborador, objetivando de facilitar o acesso desses educadores a fim de serem capacitados para fazer o uso de recursos midiáticos na sua prática pedagógica de forma crítica e reflexiva. Vale ser registrado, o quanto vem sendo investido na melhoria dos recursos didáticos nas escolas públicas, nessa primeira década do século XXI, visto acima o número de projetos criados, agregados ao programa. à qualidade do material didático dos cursos.

O curso de formação continuada de professores e equipes gestoras das escolas vinculadas ao Projeto UCA (Um Computador por Aluno) sob a responsabilidade formativa da Secretaria de Educação a Distância (SEDIS/UFRN) oferece uma carga horária de 180horas/aulas distribuídas por módulos que se dividem em 5 unidades: (1) Apropriação Tecnológica; (2) Web 2.0; (3) Formação dos Professores; (4) Formação dos Gestores; (5) Elaboração de Projetos.

A proposta do curso de formação à distância, com momentos presenciais, é preparar os professores das escolas contempladas pelo projeto UCA para que possam utilizar os laptops de forma pedagógica. Inicialmente estão formando os professores dos NTEs (Núcleo de Tecnologia Educacional) do Estado, NTM (Núcleo de Tecnologia Educacional do Município)

---

15 Os objetivos e Informações sobre o Projeto UCA. Disponível em: <[http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo\\_apresentacao/topico\\_02/por\\_que\\_uca/por\\_que\\_uca\\_pag1.html](http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_apresentacao/topico_02/por_que_uca/por_que_uca_pag1.html)>

e professores que atuam no laboratório de informática da escola à que pertencem. Esses professores por sua vez estão iniciando a formação na escola.

Para a professora Karen Christina

A experiência formativa do projeto UCA na Escola Municipal Professor Herly Parente, escola vinculada ao NTM em que atuo como professora, tem sido um processo desafiador no sentido de pensar as tecnologias como recurso que tem, como estratégia de aprendizagem a autoria. No momento que a formação acontece no espaço de planejamento do professor coloca em discussão a reflexão crítica do uso desses laptops na sala de aula, sem a preocupação inicial em dominar os recursos digitais do equipamento. A formação continuada em serviço - creio eu - ser um diferencial que desloca o professor de suas tendências técnicas de como ensinar os conteúdos para uma postura política e intelectual de produção (Informação Verbal)<sup>16</sup>

Os cursos oferecidos são muito instrutivos e relevantes para a melhoria da prática pedagógica, amplia a aprendizagem tecnológica dos profissionais da educação e para a reflexão dos mesmos sobre os impactos do uso das tecnologias nos diversos aspectos da vida, da sociedade e da prática pedagógica.

Belloni (2001, p.10) afirma que:

Como irá a instituição escolar responder a este desafio? Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino/nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade.

Os professores não se sentem motivados, encontram-se sobrecarregados com aulas em mais de uma escola, ainda assim, recebem baixos salários, falta-lhe tempo para estudar e experimentar coisas novas. É comum encontrarmos nas escolas relatos dos professores que imprimem as dificuldades em se qualificar para o uso dessas mídias para melhorar a prática pedagógica, alegam que as próprias secretarias de educação estadual e municipal oferecem os cursos, mas não dão as devidas condições para estes possam se qualificar, não há tempo e os cursos devem ser feitos no contra turno de trabalho.

---

16 Entrevista verbal fornecida por Karen Cristina, Professora da rede estadual e municipal de Natal/RN, multiplicadora do NTE.

#### **4 LINGUAGENS MIDIÁTICAS EM SALA DE AULA, NUMA ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA**

Desde o meu ingresso ao ProInfo, e, já passados doze anos, continuo fazendo parte do Programa, exercendo uma prática que se constitui num propósito de inovação na escola, como um processo de mudança, e construção de novos paradigmas. As formações desenvolvidas objetivam incorporar os suportes midiáticos no processo educativo. Mas para isso acontecer temos que propiciar e fazer reconhecer a importância das mídias tecnológicas como instrumento capaz de enriquecer as estratégias pedagógicas e os procedimentos metodológicos, estimular a incorporação desses recursos ao fazer pedagógico dos professores. Para Belloni (2001, p.12), “educação para a cidadania, sendo um instrumento fundamental para a democratização de oportunidades educacionais e do acesso ao saber e, portanto, de redução das desigualdades sociais”.

Uma vez que as tecnologias estão cada vez mais integradas ao cotidiano e, desta forma, instaura na vida das pessoas novas formas de pensar, trabalhar e viver no mundo. Essas mudanças vêm atingindo vários segmentos da sociedade, entre essas, as instituições educacionais.

A vivência como professora formadora tornou-se uma das grandes preocupações em relação à aplicação dos conhecimentos adquiridos pelos/as professores/as nos cursos de formação em Tecnologias na Educação. A participação dos professores nos cursos, não têm correspondido aos objetivos postos desde o início do ProInfo. A maior parte dos/as professores/as cursistas se inscrevem nos cursos oferecidos para obter os conhecimentos e utilizar no cotidiano de sua casa ou para o convívio social.

Diante dos resultados alcançados pelos cursos de capacitações dos professores para o uso dos diferentes recursos tecnológico, ainda continua sendo ignorado pela escola, seja no âmbito pedagógico ou administrativo. Chego à escola para acompanhar os professores capacitados para usarem os recursos midiáticos na prática educativa e encontro os alunos ávidos de vontade para usar esses meios e, em contrapartida colocando-se indisponíveis para usar os recursos tecnológicos em situações pedagógicas dentro das escolas, de forma articulada e reflexiva no pensar educacional, alegam que não há incentivo por parte do governo em melhorar as condições de trabalho. E, usar recursos didáticos diferenciados que não seja o livro didático e a lousa, requer mais tempo do professor para planejar suas aulas, já

que precisam estudar e pesquisar esses recursos que irão fazer uso destes como exemplo, o computador e a *internet*.

Os desafios, têm se intensificado cada vez mais no espaço interativo desses suportes midiáticos, às novas práticas pedagógicas as quais sugerem novas discussões em relação à diversidade nas formas de aprender dos alunos. As informações que os alunos adquirem, através de várias fontes e recursos, principalmente da *Internet*, são conhecimentos mais abrangentes e culturais do que os mencionados da sala de aula. Ao utilizar a *Internet* eles trocam experiências e conhecimentos com outros jovens nas redes sociais: *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, assim como sites de pesquisas, bibliotecas, vídeos, filmes, o celular, fazem, potencialmente parte do material escolar de muitos alunos. Essas tecnologias aparecem não mais apenas como um meio de comunicação entre as pessoas, mas também como uma nova forma de escrita: os torpedos. Além de outros equipamentos, contando com recursos como câmeras (que fotografam e filmam com boa qualidade de som e imagem, gravadores de áudio, calendários), calculadoras e tantas outras ferramentas, possibilitam a criação de projetos e ações pedagógicas. O aluno encontra-se imerso a uma geração tecnológica, acompanha os avanços e mudanças que se dão fora da escola, que supera os conhecimentos de seus professores no que diz respeito às tecnologias midiáticas. Entretanto, os professores não conseguem entender e explorar corretamente esses meios, de forma a adequar, a sua prática pedagógica.

Quando os alunos são postos em contato com algum instrumento mediador que lhes possibilite um aprendizado e a formação de novos conceitos e representações, estarão desenvolvendo seu potencial intelectual. Para Vygotsky (1993), o instrumento exerce função de mediação e orientação do comportamento humano. Este argumenta que as relações de ensino envolvem relações de linguagem e comunicação, que traduzem conhecimento, formações; e os usos de instrumentos possibilitam viabilizar a dinâmica das relações de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, livros, jornais, vídeo, câmeras fotográficas, computadores e a internet são instrumentos do processo de comunicação e, por conseguinte, devem corresponder aos interesses de modernização e atualização da escola. Para investigar como o aluno evolui qualitativamente no contexto de sua relação com as indicações e auxílio do professor mediador para o uso dos referidos instrumentos, conforme a perspectiva sócio histórica, onde o indivíduo formula e elabora no processo de comunicação da aprendizagem e em nível das relações interpessoais, transformam-se em relações intrapsíquicas. Isso significa dizer, que o resultado das experiências, das ações dos alunos/as e o que estes vivenciam em



suas relações com outras pessoas, com os instrumentos midiáticos, a linguagem, e os conceitos, transformam-se em atividades mentais internas e autodirigidas.

Nesse sentido Vygotsky (1998, p.115) afirma que todo processo de aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que ativa numerosos processos, que não poderiam desenvolver-se por si mesmo, sem aprendizagem.

Esta aprendizagem à qual Vygotsky se refere resulta de realização de atividades por parte dos alunos. Atividades estas, sistematizadas e orientadas pelo professor mediador, através de demonstrações, intervenções pedagógicas qualitativas, no processo de compreensão da lógica inerente ao objeto de conhecimento do qual o aluno necessita se apropriar.

Fundamentada no raciocínio ora delineado, investigamos o uso dos recursos midiáticos, como os computadores, a internet, a câmera digital, o celular possibilitou aos alunos progredirem para além do desenvolvimento já realizado, ou seja, para a Zona do Desenvolvimento Proximal. Desenvolvimento este que o indivíduo atinge mediante aprendizagens deliberadas, com a ajuda e auxílio dos adultos mais experientes.

A Zona de Desenvolvimento Potencial ou Proximal significa um esforço real entre o que o aluno consegue alcançar, através de um desempenho por si só, e o que o aluno poderá fazer e progredir para além do que poderá realizar. Essa capacidade de progredir para além da capacidade de um desempenho com auxílios e demonstrações de adultos preparados, mais experientes denominava-se de Z.D.P. O ensino deve ser ancorado, nesta assistência, ao desempenho do aluno na direção dos pontos centrais de ZDP.

Os conceitos, integração, colaboração e solidariedade, compõem e definem essa lógica cognitiva de aprender em conexão. O conhecimento é relação, é processo, é humano, por isso, sempre instigado pelo desejo inesgotável de aprender coisas significativas. Em vistas a este cenário saio da minha condição de professora formadora e vou vivenciar o uso das mídias tecnológicas adequando-as aos conteúdos, articulando as vivências dos alunos no conjunto das interações com as mídias, levando em consideração as relações inter e intrapessoal dos alunos, seus modos de conviver/integrar-se/interagir com as linguagens nelas hospedados.

Escolhi uma escola pública municipal, localizada na cidade de Natal/RN, equipada com recursos tecnológicos como, laboratório de informática, projetor multimídia, internet, aparelho de som, TV, biblioteca, celular, câmera fotográfica. Nesta pesquisa, considerei as diferenças individuais de cada aluno, seu tempo de aprendizagem, o desenvolvimento do raciocínio, as habilidades por eles desenvolvidas. Uma vez que as tecnologias estão cada vez mais imbricadas ao cotidiano, semeadas numa sociedade dividida por classes sociais e

marcada pela desigualdade. Mudanças vêm atingindo vários segmentos da sociedade, entre essas, as instituições educacionais.

A ênfase no conhecimento traz para o sistema educacional novas responsabilidades e novas formas de conceber a prática pedagógica, com um novo olhar, com uma nova postura, permitindo e se permitindo uma maior autonomia. Faz-se necessário compreender, analisar, refletir e questionar as reformas empreendidas pelas políticas educacionais, os princípios que nortearam as mudanças ocorridas, sem perder de vista o propósito por um mundo mais justo e igualitário.

#### 4.1 HISTORIANDO O LUGAR: O COMPLEXO PERÍMETRO ONDE A ESCOLA SE INSERE

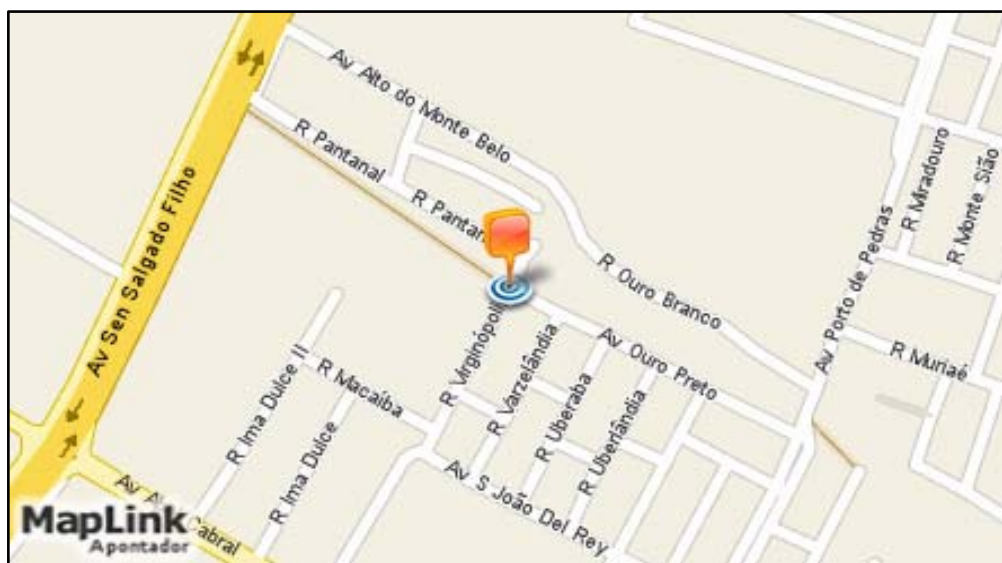


Figura 1 - Mapa da localização da Escola, campo desta pesquisa.

Fonte: Google earth

A Escola, campo da pesquisa, é uma instituição pública municipal, está localizada no bairro de Neópolis, zona administrativa sul da cidade do Natal, no conjunto Pirangi (III etapa), na Rua Ouro Preto, S/N. Este conjunto, onde se encontra localizada a escola, foi construído na década de oitenta, para atender o grande contingente populacional vindo de várias partes do interior do Rio Grande do Norte, para trabalhar na indústria têxtil, que despontava na cidade do Natal/RN. Esta fica situada numa área de dunas, nas proximidades do vale do Rio Pitimbu, hoje ocupada de forma desordenada pela construção civil.

Com o crescimento demográfico, a escola se expandiu no atendimento, pois acolheu as crianças do município do Natal, como também do município de Parnamirim/RN, limite da zona urbana de Natal/RN, principalmente os alunos dos bairros de Cidade Verde e Nova Parnamirim.

Na década de 90, século XX, a área do entorno da escola é ocupada por outra população oriunda de outros lugares do interior do Estado do Rio Grande do Norte, pessoas estas que não tinham como pagar aluguel, foram ali se instalando: os chamados “sem-teto”. Neste lugar reside a maioria das crianças público-alvo de nossa pesquisa. Mas, recentemente com o apoio do Governo Federal, através do PAC- Programa de Aceleração do Crescimento, vários empreendimentos da construção civil estão ali, sendo instaladas obras de grande e médio, porte para atender uma população de classe média e média alta.

A Escola Municipal Professor Antônio Severiano é de médio porte, com 10 salas de aulas, estas amplas, em bom estado de conservação, boa iluminação, cadeiras e mesas em tamanho adequado para os alunos, um laboratório de informática com um espaço bem pequeno para atender toda uma turma, este ainda tem seu *layout* composto de bancadas em granito, enfileiradas na horizontal, o que dificulta a circulação dos alunos e a assistência do professor aos mesmos. A referida sala dispõe de aparelhos ar condicionado, 16 computadores todos em bom estado de conservação, conectados à *internet*, com projetor multimídia; uma biblioteca com um ótimo acervo bibliográfico; uma sala de vídeo com aparelho de TV e DVD, com mídias do Programa TV Escola. A sala da TV Escola, no momento da realização dessa pesquisa, estava (e continua) sendo utilizada com a turma do 3º Ano, por falta de uma sala convencional. A cozinha, onde é feita a alimentação dos alunos, é bem conservada. As merendeiras usam vestimentas adequadas para preparar os alimentos, estes também são bem acondicionados em freezer e/ou geladeira, dois fogões industriais e utensílios em ótimo estado de conservação e higiene. A quadra de esportes possui cobertura para atividades de educação física e lazer, banheiros limpos e conservados e separados para meninos e meninas. A sala da direção é relativamente pequena; há dois birôs, para a diretora e vice-diretora; há uma secretaria para atender (pais das crianças e pessoas em busca de informações). Ocupa, também, este espaço, a coordenação pedagógica, a qual é composta por duas coordenadoras. Na sala dos/as professores/as, há uma mesa grande com doze cadeiras, armário dos professores, um aparelho de TV, um quadro de avisos, e um bebedouro.

A escolha do lugar desta pesquisa se deu, tomando como referência ser uma escola pública e por atender crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental I, mais precisamente uma turma do 4º Ano, os sujeitos da pesquisa.

A turma do 4º Ano do Ensino Fundamental I é composta por 34 alunos, com idade entre 09 e 12 anos, sendo 18 meninos e 16 meninas. Essas crianças pertencem às classes subalternas e, seus pais, são, na sua maioria, do interior do Rio Grande do Norte ou de outros estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Pernambuco e Paraíba. A profissão dos pais das crianças são as mais diversas, como: porteiro, vigilante, segurança, vidraceiro, motorista de ônibus; já as mães, na sua maioria, são diaristas, do lar, empregada doméstica, balconista e uma professora. O nível de escolaridade dos pais é, na maioria, o Ensino Fundamental incompleto.

As crianças da turma do 4º Ano moram próximo da escola, como também nos bairros de Parnamirim/RN que limitam com o município de Natal/RN, limites da escola. Esta parte do bairro há uma característica bastante homogênea que entrelaça o entorno, os municípios se fundem, quase não se percebe o limite entre um município e outro.

A escola encontra dificuldades junto aos pais das crianças no que diz respeito ao apoio e/ou incentivo, pois não se empenham em acompanhar a educação escolar dos seus filhos, nas atividades escolares extra sala de aula, como também no desempenho da aprendizagem. Alguns alegam falta de tempo, outros a falta de conhecimento e outros entendem que este papel é de responsabilidade somente da escola.

Volto a insistir que é preciso que as famílias e, por extensão, os alunos da escola pública, modifiquem as expectativas com relação à escola e que a educação escolar pública signifique realmente possibilidade de ascensão social. Até pouco tempo atrás, o pouco caso com a escola pública, a desvalorização do professor, as condições de miséria de grande parte dos alunos terminavam por reduzir as expectativas de contribuição da escola com as realizações sociais dos alunos.

A turma é bem heterogênea, os alunos são agitados e se dispersam com facilidade, nos momentos em que a professora explica conteúdo, eles conversam muito, não prestam atenção à explicação da professora. Mas qualquer conversa entre eles é motivo para enredar, brigar, gritar, ameaçar. Nessa turma foi preciso formar grupos diversos, a partir de critérios de rendimento, a fim de permitir intervenções mais diretas, mudanças de abordagem, repetições. Não posso esquecer dos hábitos já criados, das diferenças individuais e das condições familiares. Os conteúdos escolares, pelas razões já mencionadas, são assimilados com

dificuldade, entretanto, eles possuem um grande repertório de conhecimentos construídos a partir das experiências cotidianas que vivenciam.



Figura 2 - Alunos sala de aula.  
Fonte: arquivo da pesquisadora

A sala de aula é ampla, com iluminação e ventilação natural, embora os alunos insistam em usar os ventiladores que estão dispostos nas paredes da sala, com mesas e carteiras proporcionais ao tamanho das crianças, e que podem ser dispostas de acordo com a atividade realizada. Nas paredes da sala de aula, ficam expostos trabalhos dos alunos, que podem indicar os conteúdos estudados no momento - a qualidade da água, cuidados com a dengue, resultado dos trabalhos sobre geometria. Há um relógio na parede da sala que chama sempre a atenção dos alunos: se pelo motivo da professora estipular o tempo para a realização de atividades, se pela chegada da hora do recreio ou do final da aula. Também estavam afixadas na parede as letras do alfabeto e em língua de sinais, além da sala de aula convencional a professora costuma usar os outros espaços de aprendizagem como, o laboratório de informática, que os alunos usam quando a professora solicita para uso de pesquisa na internet, produção de texto ou outros tutoriais educacionais como Histórias em Quadrinhos (HQ), entre outros.

## 4.2 CONHECENDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA PROFESSORA TITULAR – ORGANIZANDO O CAMINHO DA PESQUISA

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria (FREIRE).

A professora, ao trabalhar com seus alunos, além de desenvolver habilidades e procedimentos, ela necessita instruir um olhar crítico e reflexivo.

Como anuncia Gadotti (2002, p.3), o educador,

[...] deixará de ser um lecionador para ser um organizador do conhecimento e da aprendizagem [...] um mediador do conhecimento, um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e sobretudo, um organizador de aprendizagem.

O conhecimento da prática pedagógica da professora da turma deu-se, inicialmente, através de uma conversa entre a pesquisadora e a professora, e teve como objetivos: a) apresentar a proposta de desenvolvimento da pesquisa; b) conhecer o perfil dos alunos; c) o universo no qual estão inseridos; d) como a professora conduzia suas aulas; e) sua prática pedagógica; se usava as mídias tecnológicas existente na escola; sua frequência; e se o modo que usava contribuía para aprendizagem da criança.

No diálogo, a professora revela:

A minha grande preocupação com a minha turma é por ser heterogênea demais, são crianças que não se concentram, no momento das explicações estão sempre conversando e brincando. O resultado vem depois com um baixo rendimento, - tem um grupo que ainda não sabe nem ler, nem escrever, eu faço de tudo, trago sempre tarefa diferente para eles como, jogos, busco trabalhar leituras que não estão no livro didático, levo ao laboratório de informática, estes gostam muito, é diferente. Quando uso o laboratório, sempre procuro trabalhar e planejar a aula junto com a professora regente do laboratório. Mesmo assim os alunos dão muito trabalho, não querem realizar a atividade sobre o que foi planejado e, sim, jogar. (Informação verbal)<sup>17</sup>

Nessa fala, percebe sua angústia e uma preocupação latente com a aprendizagem dos alunos, e, principalmente, por ser uma turma numerosa e com muitos alunos que ainda não conseguem ler e escrever.

---

17 Conversa com a professora titular da Turma do 4º Ano do Ensino Fundamental em agosto de 2010.

Quando apresentei a proposta da pesquisa, intitulada “O uso pedagógico de mídias tecnológicas articuladas aos componentes curriculares”, pertinentes ao nível de escolaridade pretendida na pesquisa, ou seja, aos alunos da turma do 4º Ano do Ensino Fundamental I, da Educação Básica, a educadora aprovou, e logo sugeriu articular os conteúdos de Língua Portuguesa e Ciências, pois assim, os alunos seriam estimulados a ler e escrever.

No primeiro dia, em sala de aula (segunda-feira, de agosto, de 2010), quando cheguei à escola, as crianças já estavam em sala. Fui apresentada à turma pela professora e disse para eles que estava naquele local para estudar, junto com eles, um diferente modo de utilizar os equipamentos de que a escola dispõe, como o laboratório de informática, com computadores conectados à internet, projetor multimídia, TV e DVD e uma biblioteca, programas educativos e tudo o mais oferecido pela escola.

Terminada a minha apresentação, eles começaram a fazer perguntas, a maioria acerca do uso dos computadores, pois aproveitavam muito pouco e que gostavam muito de aulas no laboratório. Observei a prática pedagógica da professora: como ocorre sua interlocução com os alunos e dos alunos entre si no ambiente da sala de aula. A professora é atenciosa e demonstra relações afetivas com os alunos.

A professora sempre trabalha com atividades que estão impressas no livro didático da turma. Observei que apenas alguns alunos se concentravam na leitura apenas “passeavam” com os olhos pelo livro e constatee que não sabiam ler. Resolvi focar minha observação para identificar as crianças que não sabiam ler ou em que estágio da leitura e da escrita se encontrava. Era visível no olhar da criança a angústia de não saber ler, ora olhava para o livro, ora olhava para os colegas, sem saber o que fazer. Continuando as aulas, a professora pedia aos alunos para ler o texto. A forma de leitura se dava por parte: cada um lia um parágrafo. Neste momento era visto que a professora chamava pelo nome da criança, e nesse momento, o que me chamou a atenção foi que as crianças citadas eram apenas as que sabiam ler.

Perguntei para a professora quais encaminhamentos eram dados para as crianças que não sabem ler e escrever, embora soubessem copiar da lousa as atividades e leituras copiadas pela professora. Ela me respondeu que já não sabia o que fazer, e complementou que dentre os alunos que não sabiam ler, havia os que faltavam muito à aula. Também me falou que esses alunos recebiam reforço no contra turno durante três vezes por semana. O reforço tinha com o intuito de acompanhar os alunos remanescentes que já dominavam a leitura e a escrita.

Na sequência, continuei as minhas observações para conhecer a rotina das crianças. A professora trabalhava com elas sobre o município de Natal/RN, envolvendo as disciplinas de

Ciências, História, Geografia e Língua Portuguesa. Chamava sempre a atenção dos alunos para que participassem da aula. Então, quando perguntava: “como é que se encontra a qualidade da água?”, “Por que precisamos ter cuidado com água?”, os alunos sempre respondiam e também faziam perguntas sobre dúvidas que tinham a dengue, a qualidade da água e também notícias que viam na TV, principalmente sobre a dengue e sobre a violência da cidade.

Na fala das crianças, quando interagiam com a professora, era percebido como as notícias veiculadas pela TV sobre a violência local chamavam a atenção delas, muitas conseguiam narrar toda a notícia e até mesmo diferenciar ou complementar o que era dito entre um canal e outro. Esses assuntos veiculados, principalmente pela TV, já fazem parte do seu cotidiano, inclusive o escolar e, muitas vezes, são vivenciadas por eles como: a agressividade, drogas, roubo, desemprego, entre outros. Observei que a professora, estando trabalhando esse assunto, poderia aprofunda-se mais nele e, por consequência, oferecer mais informação sobre os mesmos, já que eram problemas sociais vivenciados pelas crianças, para que elas pensassem sobre como evitar essas situações de risco para si e para os outros.

Ao realizar a prática pedagógica, fazia sempre o uso do livro didático, a lousa e o giz, trabalhava bastante com aulas expositivas. Sempre chamava a atenção das crianças para prestar atenção a explicação. Como a turma era numerosa e barulhenta, não se concentrava por muito tempo na explicação da professora, e logo, deslocava a atenção para figurinhas de jogos que assistiam na TV, conversava sobre desenhos e as notícias, brincava com carrinhos de chumbo, e assim, os grupos se formavam em volta das carteiras.

Nessa perspectiva, Freinet (1976, p. 31) faz a seguinte observação:

A experimentação é lenta e caprichosa; exige instrumentos e instalações; a própria observação supõe atenção e perseverança. A escola descobriu um estratagema que acreditou ser eficiente: o professor explica. Se só explicasse quando as próprias crianças manifestassem a sua inquietação perante os problemas da vida, o professor não teria nada a replicar. Mas a explicação, precedendo experimentação e observação, tornou-se a tarefa mais importante do educador.

Também chamo a atenção para a importância a ser dada a criança nos momentos em que se encontra em grupo com seus pares, pois a liberdade de expressão, entre eles, auxilia na experiência como convivência, implicando fatores importantes para a construção e formação das relações do ser humano.

Continuando a observação nos diálogos das crianças, no intervalo de aulas, o momento em que as crianças se encontravam, eram formados os grupos de convivência, e praticamente eram os mesmos em sala de aula. Elas mergulhavam em notícias dos



acontecimentos ocorridos do dia anterior, seja da rua onde moravam, de algum noticiário jornalístico ou informação ligada a um desenho a que assistiam pela TV. Nesse intervalo de aulas, os alunos ficavam muito reservados, pois tinham medo dos meninos maiores, já que a escola funcionava até o 9º ano, e eram muito agressivos, sempre arrumando confusão com os menores.

Foi grande a importância da observação realizada durante um período de 30 (trinta) dias alternados, segundas, quartas e sextas-feiras, pois nos permitiu conhecer as crianças para planejar as ações pedagógicas, na medida de seus interesses, suas limitações e as expectativas da escola. A nossa atenção, até então, esteve voltada para a observação de questões como: a organização escolar, os conteúdos trabalhados, as ações da professora da turma, as relações intrapessoais e interpessoais dos alunos e alunas e as aprendizagens ali firmadas.

## 5 A PESQUISA EM PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS EM EPISÓDIOS



Figura 3 - Alunos atentos à exposição da professora/pesquisadora  
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Adentrar à sala de aula na condição de pesquisadora é uma experiência sempre distinta, mesmo tendo certo conhecimento como educadora, já que, por mais que se julgue conhecer o contexto social e o escolar, que é o lugar da nossa pesquisa, sempre haverá surpresas, atitudes inesperadas e situações inusitadas.

É a sensação cunhada e descrita por Oliveira *impud* Roberto da Matta como *anthropological blues* (DA MATA, 1982 apud OLIVEIRA, 2007)<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Anthropological blues trata-se de incorporar no mesmo campo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos extraordinários, sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano.

[...] os anthropological blues sugerem que a etnografia é resultado de um processo que articula cognição e emoção, assim como perda e enriquecimento, chamando a atenção para uma dimensão importante da interpretação antropológica que não pode ser mensurada. Isto é, trata-se de uma experiência cujos resultados não podem ser propriamente medidos, mas cujo poder elucidativo pode ser fundamentado (OLIVEIRA, 2007, p.9).

A posição de observadora permitiu-me conceber o ambiente da sala de aula, conhecer um pouco as crianças, enfim o cotidiano da turma, as expectativas já latentes. Era chegada a hora de colocar em prática as nossas proposições pedagógicas, estas ancoradas ao uso de suportes midiáticos, conciliando-os aos saberes que as crianças concebem do seu cotidiano e aos conteúdos. Foi solicitado pela professora titular que fosse dada continuidade aos conteúdos que vinham sendo trabalhados com as crianças.

Acatamos a proposta em dar continuidade aos estudos ora desenvolvidos pela professora da turma. E, para conduzir a nossa pesquisa, cujo tema gerador contemplava o referido conteúdo se dava acerca do Município de Natal/RN. Para tanto, tomamos como base para o estudo, **“O lugar de vivência das crianças.”**.

A metodologia da observação participante, na qual se inscreve a postura etnográfica, interessa-se por certos objetos da mesma forma que é por eles legitimada. Para compreender o sentido complexo da situação, é preciso penetrá-la propriamente e apreendê-la nas interações entre os diferentes atores, sem prejuízo das consequências para o investigador. O objeto teria, enquanto tal, uma influência bastante considerável sobre a situação de análise produzida pela investigação, quaisquer que fossem a postura e, mesmo os critérios utilizados. Cada grupo social usa marcadores espontâneos de descrição da realidade para produzir verdades locais.

Enxergo o lugar não apenas como a representação de um espaço físico, mas como uma paisagem em que delineamos elementos naturais e sociais. O lugar se constitui e se materializa pelas experiências vividas pelo ser humano na sua singularidade e com o outro, agregado de sentimentos de pertencimento da formação de identidade. O "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...). Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (TUAN, 1983, p. 203). E complementado a leitura acerca do lugar para compreender o mundo: o "Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito são à base da vida em comum" (SANTOS, 1987).

**O lugar de vivência das crianças** foi tema norteador das atividades de ensino e aprendizagens que foram planejadas com base no acatamento da sugestão da professora para

trabalhar o componente curricular, Geografia. No contexto das relações do ensino, integrei outras áreas do conhecimento como Língua Portuguesa, História, e simultaneamente, as mídias tecnológicas. Também consideramos no nosso planejamento os conteúdos dos diálogos estabelecidos com as crianças sobre o lugar onde residem, ou seja, saber como é o cotidiano de cada uma, com o intuito de, com estes relatos, compreender como estas crianças concebem o seu lugar na sua historicidade.

Uma postura adotada por mim, desde o início deste trabalho, esteve vinculada ao projeto de trabalhar várias linguagens. Nesse caso, entendemos que a linguagem é uma forma de interação, ocupa lugares de produção de sentidos, e através da linguagem, o sujeito que fala ou escreve, desenvolve ações linguísticas que não conseguiria realizá-las a não ser falando ou escrevendo, com ela o falante/escritor age sobre o ouvinte/leitor. Esta produção de linguagem entre os interlocutores das ações pedagógicas desta prática docente esteve prevista ao longo deste trabalho e teve como objetivo constituir, nas cenas interativas, entre criança\criança, criança/professor, criança/professor/outros, redes narrativas pautadas nos conhecimentos, impressões e interpretações sobre o que liam, ouviam, interagiam, conheciam sobre o lugar de vivências das crianças. E sobre as redes narrativas foi intenção vinculá-las às mídias tecnológicas como instrumento de interação e suporte para as produções de linguagem das crianças.

No decorrer deste texto, os componentes curriculares privilegiados, para serem trabalhados, estão em evidência nas narrativas produzidas como estratégias para que as aprendizagens dos alunos aconteçam. Narrativas alimentadas pelas crianças, quando falam/escrevem os conteúdos dos componentes curriculares, resultaram dos conhecimentos que as crianças mobilizam de suas vivências culturais e sociais, do que conhece sobre a linguagem, da aprendizagem dos conceitos das áreas das disciplinas, Geografia, História, Língua Portuguesa. Em todas as atividades realizadas com as crianças, há a presença enaltecida de produção textual oral e escrita. Então, optei pela produção textual como estratégias, para que as crianças pudessem veicular língua oral e escrita em mídias tecnológicas. E nestas atividades as crianças aprendem a usar e interagir com as mídias tecnológicas e concomitantemente aprendem Geografia, História, a ler e escrever.

As estratégias realizadas em sala de aula, no âmbito da minha proposta, estavam necessariamente ancoradas aos temas dos componentes curriculares evidenciados nas narrativas produzidas pelas crianças. Havia a preocupação com a aprendizagem das crianças nas áreas de conhecimento da Geografia, História, língua oral e escrita, havia a necessidade

de integração dos conhecimentos elaborados pelos alunos nestas áreas, com as mídias tecnológicas. E de fato as crianças conseguiram, com base nos processos de mediações pedagógicas da professora/pesquisadora, realizar este projeto.

Observei a seguir como as crianças aprendiam Geografia, História, linguagem oral e escrita.

Geraldi (1999) apresenta cinco ações indissociadas da prática de produção textual, uma delas é a ação de ter o que dizer nesta produção. Inspirada por este ideário foi organizado caminhos e sequências didáticas para que os alunos pudessem construir representações, conhecimentos, sensibilidades para que no momento em que fossem solicitados a dizer, eles pudessem apresentar esses dizeres constituído/construído.

Nas sequências das atividades que foram desenvolvidas a partir da integração do conhecimento com as mídias digitais. Utilizei a nomenclatura em episódios, **“Episódio I – O Texto impresso, Episódio II – A biblioteca – Produções textuais dos alunos e Episódio III – O olhar do meu lugar – o texto, a imagem, o som” , Episódio IV- A aula de campo.** Observemos que nas atividades didáticas há a preocupação por parte da pesquisadora em propor direções para que as crianças desenvolvam suas capacidades e habilidades de dizer através da língua oral e escrita, em materiais impressos/papel e impressos/digitalizados.

## 5.1 EPISÓDIO I - O TEXTO IMPRESSO

"Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas."

Clarice Lispector

Nascidos em um contexto de reviravolta cultural e histórico social, os meninos e meninas desta pesquisa não são diferentes das demais do país, pois todos eles demonstraram, através de suas falas, entusiasmo ao relatarem o uso significativo e cotidiano com as mídias, pois as crianças falam de um lugar que os fazem interpretá-los como sujeitos interativos. E os depoimentos das crianças demonstram que tem acesso à televisão, computador, celular, vídeo game, aparelho de DVD, internet, mas nenhuma das falas trazidas pelas crianças sinalizam que usam as mídias como instrumento para intermediar os processos de aprendizagem escolar.

Então, se os alunos não veiculam as mídias, uma pedagogia para beneficiar as atividades escolares, tornam um motivo para vincular com o entretenimento, quando interagem com desenhos, filmes, novelas na TV, jogos no computador e internet. No encontro de diferentes enunciados com as mídias, as crianças, principalmente as meninas, atentam para a moda, tomando como referências as tendências de maquiagem e roupas. O uso de diferentes mídias pode contribuir para o indivíduo desenvolver compreensões sobre o mundo e sobre a cultura em que vive, além de provocar transformações nas formas de perceber e aprender a realidade (MARTINS, 2007, p. 204).

As vozes dos meninos refletem relações de interação com os desenhos animados da televisão e dos jogos interativos e falam que brincam das lutas a que assistem na TV. Ao transportar da realidade à ficção, as crianças transformam gestos, ações, movimentos para encenar os comportamentos das personagens, dos heróis que se apresentam dotados de força, coragem, indestrutibilidade. Para Bretas (2001) as mídias digitais e as tecnologias inauguram espaços de sociabilidade com o outro. Esta afirmação não implica pensar que esta sociabilidade aconteça de forma linear, harmoniosa, positiva para com o convívio humano. As redes de sociabilidade podem dar lugar também ao comportamento violento, intolerante.

A temática escolhida para o desenvolvimento do **Episódio I - O texto impresso** -“O ratinho, o gato e o galo”, gênero textual literário, uma fábula,<sup>19</sup> de autoria de Monteiro Lobato (1969). O texto escolhido é adequado ao assunto que vem sendo estudado pelos alunos, faz parte do universo conhecido pelos alunos, pois é uma trama que aguça o espírito crítico. Vamos comparar as diferentes versões de uma fábula, relacionar os diversos sentidos produzidos pelos recursos da linguagem.

Para o estudo da compreensão desta fábula, planejamos uma aula expositiva dialogada que permite ao professor mediar a compreensão dos alunos. Então, iniciamos a aula com as descrições: quando o ratinho e sua mãe rata descrevem, de acordo com sua realidade, o rato ou o galo de modo direto, as descrições subjetivas. Ainda discutimos as descrições do narrador em relação ao ambiente e ao comportamento dos personagens.

Após este momento, realizei uma atividade escrita que teve o objetivo de conhecê-los como se encontram no processo da escrita sistematizada e a construção de sentidos.

---

<sup>19</sup>*Fábulas...* São narrativas alegóricas, em forma de prosa ou verso, cujos personagens são geralmente animais que sustentam um diálogo, cujo desenlace reflete uma lição de moral, característica essencial dessa. A temática é variada e contempla tópicos como a vitória da fraqueza sobre a força, da bondade sobre a astúcia e a derrota de presunçosos. Geralmente, as personagens são animais, e que tem por objetivo ensinar um comportamento aceitável. Esse ensinamento é a moral ou moralidade da história.

## O Ratinho, o Gato e o Galo

Monteiro Lobato



Certa manhã, um ratinho saiu do buraco pela primeira vez. Queria conhecer o mundo e travar relações com tanta coisa bonita de que falavam seus amigos. Admirou a luz do sol, o verdor das árvores, a correnteza dos ribeirões, a habitação dos homens. E acabou penetrando no quintal duma casa da roça.

— Sim senhor! É interessante isto!

Examinou tudo minuciosamente, farejou a tulha de milho e a estrebaria. Em seguida, notou no terreiro um certo animal de belo pelo, que dormia sossegado ao sol.

Aproximou-se dele e farejou-o, sem receio nenhum. Nisto, aparece um galo, que bate as asas e canta. O ratinho, por um triz, não morreu de susto. Arrepiou-se todo e disparou como um raio para a toca. Lá contou à mamãe as aventuras do passeio.

— Observei muita coisa interessante — disse ele — Mas nada me impressionou tanto como dois animais que vi no terreiro. Um de pelo macio e ar bondoso seduziram-me logo. Devia ser um desses bons amigos da nossa gente, e lamentei que estivesse a dormir, impedindo-me de cumprimentá-lo. O outro... Ai, que ainda me bate o coração! O outro era um bicho feroz, de penas amarelas, bico pontudo, crista vermelha e aspecto ameaçador. Bateu as asas barulhentemente, abriu o bico e soltou um có-ri-có-có tamanho que quase caí de costas. Fugi. Fugi com quantas pernas tinha, percebendo que devia ser o famoso gato, que tamanha destruição faz no nosso povo.

A mamãe rata assustou-se e disse:

— Como te enganas, meu filho! O bicho de pelo macio e ar bondoso é que é o terrível gato. O outro, barulhento e espantado, de olhar feroz e crista rubra, filhinho, é o galo, uma ave que nunca nos fez mal. As aparências enganam. Aproveita, pois, a lição e fica sabendo que: **Quem vê cara não vê coração.**

Figura 04 - Fábula: O ratinho, o Gato e o Galo  
Fonte: Lobato (1969, p.102)

Escolhemos o referido texto, por entendermos ser pertinente aos estudos que vinham sendo realizados em sala de aula pela professora, e seus alunos, sobre o **Lugar**. A fábula caracterizava, o lugar do ratinho. Conduzi a construção do conceito de lugar com base no lugar que se apresentava na fábula. Posteriormente, poderíamos refletir sobre lugar de vivências das crianças as construções de sentidos produzidas no processo de leitura da fábula.

Ao iniciar a aula, fiz a exposição para os alunos que iríamos trabalhar um texto literário. Apresentei o título para as crianças, e expliquei para eles o gênero do texto, que era uma fábula. Ao iniciar a exposição, os alunos foram reconhecendo do que estávamos falando não era novidade, e disseram que a professora já tinha ensinado para eles o que era fábula e já conheciam algumas como, “A Cigarra e a Formiga”, “O leão e o Ratinho”, entre outras. Dada à reação dos alunos foi percebido que os mesmos gostam deste gênero textual, anunciam a que se referem às fábulas, às histórias, como são contadas. Ao fazer o encaminhamento da atividade, ficaram curiosos em saber qual a fábula que iriam estudar, se já conheciam a fábula. Respondi que para saber das indagações precisava prestar atenção a atividade que estava sendo encaminhada. Pedi que fizessem a leitura do texto, a princípio, individual. Neste momento, fui observando as reações de cada um ao fazer a leitura. Vi que alguns olhavam para o texto e não se concentravam na leitura, se viravam para um lado e para outro, perguntando ao colega porque estava rindo. Cheguei perto deles e perguntei por que não estavam fazendo a leitura, responderam que não sabiam ler. Então pensei quão deve ser ruim não poder compartilhar com o outro este momento. Anotei no caderno o nome (já conhecia todos pelo nome) de cada um para atendê-los na oralidade. Ao terminar a leitura individual, pedi aos alunos para realizar a leitura compartilhada, da seguinte forma: um aluno fazia o papel do narrador, uma menina o da mãe do ratinho enquanto outro menino fez a voz do ratinho. Esta forma de leitura foi repetida por vários subgrupos. Os alunos que não sabiam ler ficavam atentos aos colegas e davam opiniões acerca da leitura. Terminado este momento, fiz perguntas orais acerca da fábula. Os alunos fizeram estabelecimento de relações, texto e história de vida.

Professora/pesquisadora - O que significa a moral da Fábula?

Vi – Professora, ela quer dizer que nem tudo que a gente acha que é certo, é certo mesmo.

Ali – Por exemplo, professora, todo mundo acha que só gente pobre é que rouba, mas isso não é verdade, tem gente rica que rouba também.

Pe – É, mas a polícia não pensa assim, ela prende.



Professora- Ali e Pe, por que vocês dizem isso? É por que a gente vê aqui onde a gente mora, todo mundo pensa assim.

Professora pergunta a Ka – E para você Ka, Qual a moral da história? Ka - É que nem tudo que a gente acha que é certo, é verdade. A gente pode se enganar.

Por que será que o ratinho sai para conhecer o mundo lá fora? E nós, pessoas humanas, como conhecemos o nosso mundo? Será que nós podemos associar com a nossa vida, com o lugar, o que nós achamos das pessoas e de nós mesmo? E nós, onde moramos, como é o nosso lugar, como nós vivemos?

Esse momento levou a participação de todas as crianças, mostraram-se empolgadas e faziam relação da história narrada com a vida dos seres humanos e trazia como exemplo, a vida real, o cotidiano como, o medo da violência, a falta de segurança do lugar onde eles moram, a diferença das casas que são construídas na cidade, que há casa de pessoas ricas e pessoas pobres, casa pequena e grande, ruas calçadas, gente perigosa que rouba gente, que rouba e usam drogas. Esta relação se deu quando o Ratinho estava falando para a sua mãe sobre os animais que tinha encontrado durante o passeio, na passagem do texto, quando relata sobre as características dos animais.

Outro ponto narrado pelas crianças foi sobre o lugar, onde acontecia a cena, pois não sabiam o que era estrebaria e, nas vozes das crianças, este diálogo foi tecido por novas intervenções que iam surgindo, entrelaçados com outras histórias, ou desenhos animados que eles conheciam, como o Pica-pau, formando uma teia que ora com a realidade, ora com a ficção.

O que chamou atenção dos alunos foi quando o ratinho saiu para conhecer o mundo: “– Ainda é muito novo para conhecer o mundo” – disse Vin. Em seguida Luc respondeu: – “A gente também é pequeno, mas já sabe de muita coisa, coisas boas e também ruim, de medo”. As crianças nas suas narrativas vão construindo sentidos específicos para a realidade retratada, através de estilos comuns de formas, de contornos e de materialidades que são, simultaneamente, originais, que é percebido na voz de *Luc*.

Nos momentos em que as crianças se colocavam desconhecer o significado de cada palavra solicitei que fossem colocando na lousa para sabermos o sentido e o significado de cada uma. Voltei-me para a lousa e ia perguntando sobre as palavras desconhecidas – O que será que significa a palavra **travar**- *Vin* responde - é luta professora. É luta mesmo, disse Ka, que estava ao lado de *Vin*, no jogo de game se trava luta, só de matar. Esse depoimento chamou muito minha atenção a associação que eles faziam como: travar – associavam aos

desenhos a que assistem na TV ou jogam nos games. Perguntei para eles e no texto, qual o sentido de **travar**. Ficaram calados, insisti: “será que é lutar, é brigar, é matar?” Mas responderam que não sabiam. Voltamos ao texto para compreenderem que uma palavra pode ter outros significados – no texto, por exemplo, é **iniciar** – para conhecer. Outras crianças buscaram o significado da palavra **ribeirões**: – Professora, parece com a Ribeira lá da cidade. E eu pergunto: – Será que a Ribeira fica próxima de algum rio? Abe, responde: – Fica, fica lá no Rio Potengi, eu sei onde fica. Respondo que sim e acrescento que o ribeirão é um curso d'água.

A partir disso, os alunos começam a fazer associações: – Terreiro vem de terra, num é professora? Respondo que sim, que é um pedaço de terra plana, pequeno, geralmente ao redor de uma casa. Voltei a outra palavra desconhecida por eles: – “Tulha”, o que significa? Silêncio (da turma). Ga fala: – Professora, eu sei que é uma coisa que tem no interior (aqui se refere ao campo) mas não sei o que é. Visto que essas palavras foram as que apresentaram mais dificuldades de compreensão dos alunos, pedi que em casa pesquisassem o significado das palavras: “tulha – estrebaria – rubra”.

No encontro seguinte, perguntei aos alunos: – Turma, quem pesquisou sobre o significado das palavras desconhecidas apresentadas no texto?

Apenas oito alunos, dos vinte e seis que estavam presentes na aula fizeram a pesquisa. Pedi as oito crianças que fizessem a solicitação das palavras na lousa com os referidos significados. Luc foi até a lousa e escreveu a palavra **tulha** e seu significado. Perguntei para a turma se sabiam o que significa **celeiro**. Eles responderam: – Professora, num é **tulha** – ou seja, ambas as palavras os alunos ainda continuavam sem entender o seu significado. Conversei com as crianças sobre sentido das palavras, o que representa no contexto do texto, a palavra **celeiro**. Respondo: – Significa armazém onde se guarda cereais em grãos – arroz, café, feijão, soja – entre outros. Naquele momento, a turma se encontrava agitada, então nos chama a atenção a pergunta que eles fazem: – Professora, por que não chama logo “armazém”, pois todo mundo conhece? Respondo: – Dependendo do lugar, se usa outras palavras, tem outros sentidos/significados. Os que fizeram a atividade queriam ir até a lousa para colocar o significado da palavra seguinte e, como são mais meninos, escolhi uma menina para vir colocar a palavra e seu significado: **estrebaria**. Luc – a aluna escolhida – colocou o significado da palavra **rubra**: “vermelho vivo”. Outras crianças foram logo associando a uma cor de time de futebol: o Flamengo. Perguntei por que é a cor do Flamengo? Responderam: – O Flamengo é rubro negro, num é? Respondo que sim, depois voltei ao texto e perguntei: – E,

no texto, o que significa a palavra **rubra**? Era a crista do galo que era vermelha? E, também, perguntei para eles se sabiam o que era **crista**. *Ce* disse: – Ah, professora, fica em cima da cabeça do galo, às vezes a gente chama de coroa do galo.

As interações ocorridas com os alunos foram muito significativas, demonstraram interesse e, em todo o momento, conseguiram atribuir significado ao que estava sendo estudado.



Figura 05. Crianças na biblioteca produzindo o texto, trabalhado pela professora  
Fonte:Arquivo da professora

## 5.2 EPISÓDIO II – A BIBLIOTECA – PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS

Cultivaremos o desenho, meio de expressão e de comunicação. Entenderemos suas vantagens e seus benefícios mediante técnicas e artes menores como o estêncil, a gravura e a reprodução fotográfica. (FREINET, 1998)



Figura 06 - Pesquisadora mediando à turma na biblioteca  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

**O II episódio – A biblioteca** – É o espaço onde realizei junto com os alunos a produção de um texto escrito. Pensei este espaço, primeiramente, por ser um lugar de contato dos alunos com a leitura, pesquisa e a escrita em material impresso (livros, revistas, dicionários, folhetos, gibis, cartazes, cordéis). Como esta sala compõe um espaço pequeno e não comporta o número de alunos da turma do 4º ano do Ensino Fundamental, dividi a turma em dois grupos, uma parte da turma ficou com a professora titular e a outra parte, comigo para melhor acompanhá-los na atividade proposta que suscita a produção de um texto em linguagem escrita, verificando a forma como os alunos organizavam as suas ideias, se conseguiam estabelecer uma relação acerca do seu lugar, sobre o olhar do lugar de vivência.

Para realizar essa atividade, retomei à discussão que tivemos sobre a fábula, para que os alunos tivessem uma compreensão do lugar onde moravam, como enxergavam o lugar vivido e concebido. Para a produção do texto escrito, fiz um breve comentário sobre o lugar deles: – Crianças, vocês moram aqui perto da escola? A rua onde moram é tranquila? Gostam da rua onde moram?

1. Luc - Moro do outro lado do morro, perto da casa da AC -
2. AC - diz, respondendo a Luc, não sua casa fica mais perto da pista.
3. Dan – Eu moro lá na praia, numa casa que minha mãe mora, fica longe.
4. Vin - Ih! Já foi minha casa fica numa rua onde só tem muita gente velha, eu não gosto, sempre tem ambulância passando.

5. Profª – Vin, por que tem tanta gente velha na sua rua?
6. Vin – É um abrigo.
7. Profª - Vin, quando a ambulância passa você está na rua e tem medo de ser atropelado? 8. Vin - Não professora, é porque eu tenho medo de gente que morre. Aí quando vejo a ambulância passando eu já sei que vai morrer gente.
9. Ka – Minha casa fica numa rua muito ruim, tem um bar, as pessoas ficam bêbadas, tem muita confusão e chamam palavrão, tem até gente que usa crack, é muito perigoso na minha rua, minha mãe tem cuidado na gente, nem deixa a gente sair de casa. É ruim por isso.

Nesse episódio, o olhar das crianças sobre o lugar tangem repletos de sentidos. Nas suas vozes, os traços do lugar se constituem num espaço representativo de subjetividade, medo, feio ruim, velho. Segundo eles, os pais não deixam muito sair para a rua, acha perigoso sair de casa. Também é perceptível que a casa representa um lugar de proteção e segurança. Outros jogavam futebol no final da tarde com os amigos, numa quadra que havia bem próximo de sua casa, outros não gostavam da rua onde moravam, ficava vizinho a um abrigo de pessoas idosas, e quando ouviam a sirene da ambulância já remetiam a morte da qual tinham medo. As interlocuções realizadas com as crianças acerca do lugar se deslocam para o que está mais próximo, a sua rua, os vizinhos, o sentimento, noção que tem do perigo, os conflitos sociais. A maioria ficava apenas em casa, pois os pais achavam que ficar na rua é perigoso, e dentro de casa é mais seguro.

Nas interações realizadas por (FREINET, 1976, p. 52-53), o autor relata:

Percorriamos as ruas e os caminhos, embriagados pelo ar livre, nutridos por um labor que tinha para nós um sentido profundo, ligado à nossa vida presente e futura, com jogos naturais e os cantos de aves.

[...] As ideias não nos faltavam certamente, e ideias bem originais; as falas surgiam rapidamente, com subtileza e humor; as iniciativas abundavam boas ou más. E depois, bruscamente, ouvia-se a sineta; produzia-se imediatamente como que um vazio no nosso ser. A vida detinha-se ali, a escola começava: um mundo novo, totalmente diferente daquele em que vivíamos, com outras regras, outras obrigações, outros interesses, ou, o que é mais grave, com uma ausência por vezes dramática de interesse. As referências que os alunos têm registram na sua história.

O reconhecimento do eu, ao pensar, narrar e compartilhar emoções e percepção, as suas vozes foram delineando o mundo vivido e percebido por eles.

Santos (2004, p. 322) afirma que,

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro

insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

O lugar de convivência das crianças no seu dia a dia aparece nas suas vozes vendo ou vivendo a violência, as injustiças, o preconceito, a destruição do meio ambiente, a banalização da vida.

Após a interlocução oral solicitei que as crianças registrassem, através da escrita, um texto sobre o olhar que tinham seu lugar de vivência.

Para Vygotsky (1998, p.156)

[...] A escrita deve ser 'relevante à vida' – [...] a escrita deve ter significado para as crianças, de que uma necessidade intrínseca deve ser despertada nelas e a escrita deve ser incorporada a uma tarefa necessária e relevante para a vida. Só então poderemos estar certos de que ela se desenvolverá não como hábito de mão e dedos, mas com uma forma nova e complexa de linguagem.

Observei, durante todo o tempo de atividade, que os alunos pensam, refletem, raciocinam, estabelecem relações e quando não conseguem escrever, se sentem angustiados, amassam a folha do caderno ou pedem ajuda ao colega, e não solicita a ajuda da professora. Ao me propor para ajudá-los nas suas dúvidas eles recusavam, não queriam demonstrar que tinham dificuldades no momento da escrita. Ao analisar as atividades, constatei que a maioria deles representa em texto escrito a compreensão sobre o **lugar**, pois as impressões manifestadas pela oralidade aparecem na escrita. Na escrita eles representam o **lugar** de vivência, representando a família. A dificuldade dos alunos em construir os textos, no ato de escrever, foi encontrada numa parcela deles quando, no processo de produção textual escrito, não conseguiam, ainda, se expressar através da escrita chamada “convencional”. De acordo com Freinet (2001,p38):”A escrita só tem sentido se somos obrigados a recorrer a ela para comunicar nosso pensamento, além do alcance da nossa voz, além das barreiras de nossa escola.[...]” No processo de observação diagnostiquei que os mesmos ainda não dominavam uma escrita de acordo com as convenções de uso e ou ortográficas.



Figura 7 e 8 - Produções textuais dos alunos.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Os alunos que apresentam dificuldades de escrita se expressam através de símbolos/desenhos, o que percebem e o que sentem.











Figura 9 - Produção textual dos alunos  
 Fonte: Arquivo da pesquisadora

Diante de todos os textos escritos, produzidos pelas crianças, fiquei paralisada me perguntando o que dizer sobre textos tão ricos, repletos de detalhes, de sentidos. Não é meu objetivo realizar análises linguísticas dos textos das crianças. Mas por outro lado não se pode imprimir silêncio ou “deixar em branco” manifestações linguísticas. É interessante levantar algumas notas sobre a produção textual das crianças. Observa-se que as crianças já resolveram muitas demandas para que se leia e escreva, pois já dominam o sistema de representação da escrita e são crianças que se encontram no nível conceitual de escrita denominado alfabético. É possível estabelecer análise porque as crianças em um contexto linguístico-discursivo se propuseram escrever textos espontâneos. Os textos das crianças sinalizam que reconstruíram nas relações interpessoais interpretações sobre o lugar.

Nas atividades de escrita as crianças falam/escrevem do lugar, colocando-se como uma pessoa social e histórica, incorporam as relações afetivas. Manifestam estas análises e sentimentos na escrita e complementam no desenho. Do lugar conseguem ler o que lhe é mais

próximo (a família, os vizinhos e amigos) como referências que denotam segurança, e a casa, lugar/sentimento de aconchego e proteção, localizado em um lugar onde se infere que é de violência e hostilidade. Nas atividades de desenhos, as crianças se inspiram no entorno do seu cotidiano como a escola, a família, natureza, via pública e manifestam fragmentos veiculados pela TV. Tanto nas atividades de escrita quanto nas de desenhos, as crianças não imprimiram relações que estabeleceram nas atividades de oralização. Estas relações se referem à desigualdade social, que é visível, ao descontrole ambiental, a violência característica do lugar, enxergado e dito nas falas das crianças.

### 5.3 EPISÓDIO III - OLHAR DO MEU LUGAR: TECIDOS EM LINGUAGENS HÍBRIDAS EM TEXTOS, IMAGEM E SOM

Como relatei anteriormente, o nosso objeto de pesquisa contempla a inserção de atividades ancoradas aos suportes midiáticos. Para desenvolver este episódio, irei abordar junto às crianças, o acesso e o uso de mídias tecnológicas, pelas crianças, com o objetivo de criar situações de aprendizagens.

Na integração das mídias tecnológicas e das múltiplas linguagens, o ensino e a aprendizagem se convertem em um processo contínuo de tradução de linguagens, códigos, visual ao verbal, do audiovisual ao escrito e vice-versa. A informação que se adquire fora da aula se integra na que é trabalhada dentro da escola. Faz-se necessário preparar a criança para interpretar e compreender a imagem, para analisar, e construir novas mensagens. Briggs e Burke (2006, p. 31) afirmam que.

Pensar em termos de um sistema de mídia significa enfatizar a divisão de trabalho entre os diferentes meios de comunicação disponíveis em certo lugar e em um determinado tempo, sem esquecer que a velha e a nova mídia podem e realmente coexistem, e que diferentes meios de comunicação podem competir entre si ou imitar um ao outro, bem como se completar. As mudanças no sistema de mídia precisam também ser relacionadas a alterações no sistema de transporte, o movimento de mercadorias e pessoas[...]

Mediante esse contexto, no **episódio III – O olhar do meu lugar Tecidos em Linguagens Híbridas em Textos, Imagem e Som**, Irei usar o laboratório de informática, esse espaço da escola é sempre esperado pelos alunos.

Iniciei a aula indagando aos alunos acerca do acesso que tinham as mídias, TV, rádio, aparelho de DVD, celular, computador, câmera fotográfica, entre outros. Fiz algumas perguntas voltadas para o acesso e uso destes instrumentos. Os mesmos se sentiram muito a vontade para responder e também indagar sobre esses diversos suportes midiáticos, já que se tratava de um assunto muito presente no universo cotidiano. Questionei e foi perceptível o retorno:

1. Profª – O que você vê na TV?
2. Mar - Fico vendo TV, assisto filmes, desenhos, vejo novela,
3. Bri - Desenho
4. Profª – Qual desenho você gosta de assistir?
5. Bri – Simpsons e das super poderosas, elas são muito sabidas.
6. JU – Professora, professora, eu, eu, jogo no computador.
7. Profª - Perguntei quais os jogos?
8. JU - control strake.
9. Prof.<sup>a</sup> - Como é este jogo?
10. JU – É de briga, luta...
11. Profª – Ju, este computador é seu?
12. Ju – Não, professora, é do meu primo, computador é muito caro meu pai não pode comprar.
13. Ali – Professora, o celular são mídia, e o que é mídia, pois se for mídia, minha mãe tem um celular, ela me deixa ficar mandando mensagem pra minha amiga, jogo, tem música, celular é fácil, todo mundo tem.
14. Professora – Esta pergunta foi feita devido eu falar sempre a palavra **mídia**.
15. PP – Professora, se celular é mídia, então TV, som, livro, tudo é mídia?
16. Luc – A melhor mídia é o computador, pois faz tudo, a gente joga, tem internet, escreve no computador, tem música, num é professora?
17. Vi – Mas é muito caro.
18. Bru – A gente gosta muito de assistir televisão os desenhos, e a malhação, também gosto do computador.
19. PE – Professora eu jogo no computador, também, é melhor do que televisão.
20. Profª – O que você joga no computador?
21. PE – Vários jogos, entro na Internet.

22. Profª – Você mesmo liga o computador e entra na internet?
23. PE – É, eu sei fazer um bocado de coisa, lá em casa tem um. Se minha mãe deixasse eu usava o dia todinho.
24. Ali - Gosto muito de assistir televisão.
25. G- Gosto de jogar Vídeo Game, e assistir desenho.
26. Ka - Gosto de novela e de desenho, assisto toda tarde e de noite também, assisto.
27. Jus- Assistio filme de guerra na televisão, mas é no DVD, jogo no computador do meu amigo, e também jogo no celular do meu pai, quando ele está em casa.
28. L - Minha mãe só deixa eu assistir os desenhos quando eu faço o dever de casa.
29. V- Gosto de assistir os desenhos e quando vou na casa do meu primo eu jogo no computador.
30. D- Meu irmão tem um computador, mas quase não deixa jogar, também eu assisto televisão.
31. Profª – Por que seu irmão não deixa você usar o computador?
32. D- ele acha que eu vou quebrar, mas eu sei de tudo no computador, baixo jogo, música, também jogo, converso com meus colegas.
33. GB – Eu assisto os desenhos e também novelas.
32. Profª – Quais os desenhos que você gosta?
34. GB – Os de luta.
35. Professora – Por que os de luta?
36. GB – Porque os de luta tem mais emoção.

Constatei, pelos vozes das crianças, que todas elas têm contato diário com a mídia como: a televisão, o computador, o celular. E, quando perguntei para elas acerca do que assistiam, o que mais gostavam, responderam que eram os desenhos, pois havia, brigas, mas aprendiam e brincavam na escola, como também gostavam muito de brincar com as cartas que compravam, igual a dos desenhos a que assistiam. Isso é bastante perceptível conversa dos meninos. Já na fala das meninas, chamava a atenção à roupa das atrizes dos seriados, a maquiagem, e também a admiração que tinham pelo desenho feminino. Outros disseram que só almoçavam vendo os programas policiais, porque ficavam sabendo do que acontecia. Na fala de KA, “as pessoas matam muito, e só em lugar muito pobre é que se mata. Aí as pessoas acham que é só gente pobre que é ruim, e onde só tem gente que não presta. Mas eu moro num lugar pobre aqui no morro, mas lá só tem gente boa, que trabalha.” Na voz de KA, é

concebido como a mídia legítima a violência e esta é ampliada para os mais diversos setores da sociedade. Entre tantas aprendizagens, foi possível observar como as crianças se apropriam e incorporam as linguagens, de certos termos presentes nos desenhos, nas novelas.

Também, foi percebido que as crianças assistem mais a TV em canal aberto. Isto é verificado ao relatarem os canais e programas assistidos, desenhos, notícias, novelas. Chamou-me atenção o número de alunos que assistem aos programas jornalísticos, os quais relatam muito a violência nas cidades, constatado através das narrativas das crianças. Fischer (2003, p.15) afirma que:

[...] a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas – mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida.

Com base na fala das crianças tateei interpretar que as mesmas, não saem de suas casas devido a violência que está lá “fora”, no entanto ela está diante da TV por pelo menos cinco horas diárias e também do computador (embora “ainda” por menos tempo), percebe assim a visível influência que mídias têm no processo de socialização desses alunos, como meio de informação, comunicação e entretenimento. A TV por exemplo, “sensibiliza/naturaliza” os fatos tornando-os cotidianos. Belloni (2001, p.37) discorre:

A passagem da violência virtual em que não há limites sem consequências, para a violência real das ruas, das gangues e dos estádios é, portanto, muito fácil, sobretudo porque do ponto de vista ético o excesso de imagens violentas da TV, característica antiga de nossa paisagem audiovisual, tende a naturalizar e legitimar a violência como meio de resolver conflitos. Tudo isto ocorre, não percamos de vista este horizonte, num mundo globalizado, de capitalismo radical, onde a cultura dominante é o consumismo.

Dos diálogos, ficaram evidentes como os alunos consideram como legítimo o uso de meios violentos para resolver problemas, nas vozes 8, 10, 34, 36, há uma banalização da violência, chega a ser vista pelas crianças como entretenimento, brincadeira, trazem a ficção para a realidade, o prazer que sentem no momento em que estão falando dos desenhos que envolvem a agressividade, quem sai como vencedor é mais inteligente, é o que mais sabe

matar, seja nos desenhos da TV, seja nos jogos de computador. Paulo Freire, em seus escritos na Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à prática educativa discorre,

Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais chamadas menos favorecidas. Não foi por outra razão que, enquanto secretário de Educação da cidade de São Paulo, fiz chegar à rede das escolas municipais o computador. Ninguém melhor do que meus netos e minhas netas para me falar da sua curiosidade instigada pelos computadores com os quais convivem. (FREIRE, 1996, p. 87).

É neste contexto que também concordo com Paulo Freire, ter clareza que cada vez mais as crianças estão imersas aos meios de comunicação. Ele chama atenção para o uso dos suportes midiáticos dentro das escolas que não basta apenas equipá-las com instrumentos tecnológicos, é preciso que estes instrumentos sejam usados de forma que permita aos alunos a inter-ação desses dentro de um contexto e lhe atribuir sentidos. Belloni (2001, p.21) fala que, é preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como “receptores” de mensagens e consumidores de produtos culturais. Porém a mediação do professor é fundamental.

Para Sodré (2002, p. 21),

O processo de midiatização refere-se à tendência à virtualização ou televirtualização das relações humanas, “presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais e de conduta com as tecnologias da comunicação.

Dada a importância dos meios midiáticos imbricados na realidade dos alunos, em que muita das vezes se confunde realidade com a ficção e a ficção com a realidade, e que muitas vezes esta ficção delega as formas de vida, consumo, cultura, entre outros.

Como se configura esta realidade nas práticas escolares? Como fio condutor, começo indagando aos alunos de como faziam uso do laboratório de informática. Interessava saber se eles por estarem imersos neste mundo midiatizado, a escola compreendia na mesma proporção, o acesso aos instrumentos midiáticos disponíveis na escola. Esta pergunta gerou um tumulto na sala: foi uma alegria, pois todos queriam falar ao mesmo tempo, não ouviram a pergunta que eu fiz, só escutaram o final da pergunta: laboratório (sala de informática). Ficaram todos eufóricos, todos queriam ir para o laboratório, gostavam muito de computador. Neste momento, pedi que fizessem silêncio e ficassem calmos, pois iria repetir a pergunta. Foi um “ah”, geral. Repeti a pergunta: Para a produção do texto escrito, fiz um breve comentário



sobre o lugar deles: – Aqui na escola, quais os dias da semana que vocês usam o laboratório de informática? As respostas foram as seguintes:

1. Q – Fomos uma vez no laboratório, quase não usamos, é muita gente para usar, tem muita turma na escola, e ainda quem vai mais são os meninos grandes, quando a gente vai?
2. D- É muito bom computador, tem jogo bom, a gente vai jogar no computador? Eu sei usar o computador.
3. A- Eu sei desenhar, quando a professora levou a gente, eu fiz um desenho e também eu digitei.
4. P- Professora, você sabe que eu não sei escrever, mas no computador eu sei, também já sei até instalar programa, baixar música, eu também gosto de jogar, aprendi jogando no computador do meu primo.
5. V- Também faço pesquisa no computador, quando a professora pede, uso lá na Lan, que fica perto da minha casa, também às vezes minha mãe deixa eu ir jogar, esse jogo só tem na internet.
6. G- Uma vez a professora passou um filme no computador pelo data show, na sala de informática tem um. Foi muito bom.
7. M- Meu pai disse que quando tiver dinheiro vai comprar um computador pra mim e pra meus outros dois irmãos jogar.
8. Q- Professora, você vai levar muitas vezes a gente para o laboratório de informática? a gente pode jogar, pode usar a internet, sem ser para fazer pesquisa.
9. R – Minha mãe disse que quando eu crescer vai comprar um computador pra mim. Mais eu já sei usar, na casa da minha prima tem um, ela deixa sempre eu usar. Eu gosto mais de computador do que vê televisão.
10. K- Eu uso o computador pra fazer pesquisa quando a professora manda e também gosto de jogar

O uso que fazem do computador já está incorporado no dia a dia da turma. Embora não tenham acesso diário, conforme percebemos nas narrativas, uma vez que gostam muito dos jogos que há no computador e também na *internet*. Outro recurso de fácil acesso aos alunos são os celulares, os quais sabem manipular todos os comandos. “JIR, disse que quando seu pai está em casa usa sempre o celular do seu pai, tem uns jogos que ele gosta muito”. Ficou evidente, que estes recursos tecnológicos da TV ao celular, fazem parte do cotidiano dos alunos, como forma de “brinquedos” para entretenimento. Procurei saber como eles tomam conhecimento destes produtos, tais como o computador e os celulares e a maioria



respondeu que era por meio da televisão e, também, pelas pessoas. Indaguei-os como aprendiam a usar o computador. Responderam que os que sabiam, iam ensinando aos que não sabiam, quando estavam conversando uns com os outros. Mesmo o computador sendo um instrumento complexo com composição configurada em ícones, palavras desconhecidas em sua maioria em outra língua algumas delas (*Del, Backspace, Home, cursor, mouse, esc, pause/break...*), um universo discursivo próprio, para os alunos, não havia empecilho o uso do mesmo.

Na escola, o contato dos alunos com o computador, se dava somente quando a professora estava desenvolvendo alguma atividade que necessitava de uma pesquisa na *internet* acerca de conceitos dos conteúdos por eles estudados, e sempre com a orientação da professora regente do laboratório.

Percebi que o uso que fazem do computador e da internet, ainda acontece na maioria das vezes, como uma forma de substituir as enciclopédias, ou digitar a atividade, papel da informática substituindo as máquinas de escrever, nesse sentido percebemos que mudaram os meios, porém não as práticas pedagógicas. Assim a escola ainda continua sem acompanhar o desenvolvimento da sociedade.

Vale destacar que as atividades propostas pela professora da turma do 4º Ano do Ensino Fundamental, se fazia necessário mais de um encontro no laboratório de informática, para a conclusão de cada atividade, pois o tempo destinado para a realização destas, um encontro não era o suficiente. Por existir um número significativo de turmas e para atender a todas elas, a professora regente do laboratório de informática dividia o horário em turno; portanto, não havia possibilidade de que o laboratório se tornasse um ambiente em que o aluno pudesse frequentar outros horários, no contra turno, para realização de suas atividades. Primeiro porque os alunos são pequenos e precisariam de uma pessoa adulta para levá-los até a escola, como também precisaria de um profissional para poder mediar a atividade proposta e, segundo, a escola também funciona no período da tarde, com turmas de alunos. Em função disso o professor precisa planejar com cuidado as atividades a serem desenvolvidas no laboratório.

### 5.3.1 Na sala ambiente: o laboratório de informática e a internet

Na sala ambiente do laboratório de computadores conectados a internet, a professor/pesquisadora desenvolveu, junto aos alunos uma pesquisa através do aplicativo *Google Earth*<sup>20</sup>. Ao vivenciar estas situações os alunos apresentaram interessados e motivados. Para Belloni (2001), o processo de socialização é o espaço privilegiado de transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento.

É de fato confirmado que os alunos estão imersas num mundo mediatizado, quer seja pela TV, quer seja pelo computador e a internet. Como pesquisadora estive atenta como os alunos processam essas linguagens nos mais diversos suportes, a leitura que fazem do mundo virtual – e que é também real – em texto, imagem, imagem em movimento, e som.

Considerando que a pesquisa tem como objetivo elucidar sobre o uso pedagógico das mídias tecnológicas com os conteúdos curriculares, traçamos a nossa aula de campo para as crianças conhecer o **lugar** onde está inserida a escola, como também o lugar onde a maioria reside.

No laboratório de informática, os alunos fizeram uma pesquisa no *Google Earth* para explorar através do mapa, identificar as construções ora erguidas, os tipos de paisagens, entre outros elementos presentes na geografia de forma que ao usarem o referido programa fosse possível fazer a leitura da paisagem, pois o programa permite dar zoom para visualizar detalhes, inclinar ou girar uma imagem, marcar os locais, medir a distância entre dois pontos, traçar trajetos ou rotas e até mesmo ter uma visão tridimensional de uma determinada localidade.

---

20 O *Google Earth* é um programa desenvolvido e distribuído pelo Google no qual sua principal função é apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de fotografias de satélite obtidas em fontes diversas, uma da NASA. É um software vasto repleto de recursos, as finalidades nas quais se pode utilizá-lo são incalculáveis. Não é fácil ou, quem sabe, possível ensinar e explicar de forma detalhada todos os recursos, funcionalidades e possibilidades de programa. O software permite aos usuários a busca de endereços. Basta digitar o nome da cidade, e caso existam mais cidades com o mesmo nome, as outras opções estarão logo abaixo. Podem-se procurar também as localidades por suas coordenadas geográficas de duas formas: Digitando sua latitude e longitude exata, nome da rua ou mesmo pelo CEP, inclusive no Brasil. Exemplo: Rua Ouro Preto, S/N, Pirangi. O *Google Earth* está disponível na versão gratuita para) Acessado em agosto 2010. (Disponível em: <http://makaehcult.com/posts/o-que-e-google-earth/>)



Figura 10 - Os alunos no laboratório em pesquisa na Internet.  
Fonte: arquivo da pesquisadora

A pesquisa por meio da *Internet* possibilitou aos alunos vivenciarem, na prática, uma situação concreta ao fazer uso da linguagem cartográfica por meios digitais, através do programa *google earth*, na perspectiva de localizar o lugar e, ao observar, verificar qual a diferença entre visualizar o lugar, por meio de uma imagem de satélite, e ao caminhar pelas ruas, como estão organizadas as ruas; como percebem a ocupação, se ainda há área verde; quais são os tipos de moradias. As crianças foram fazendo as anotações no caderno, mesmo que na maioria das vezes, solicitavam-me para saber o que significava algum elemento que lhe chamavam a atenção. Por exemplo: *Ka*, me chamou e perguntou: – “professora, eu não consigo ver a minha casa, isso está no meio”. Fui até ele e, quando olhei, vi que era uma nuvem bastante escura e baixa que estava sobre a sua casa. Foi aí que expliquei que aquela era uma nuvem que apresenta uma base sensivelmente horizontal, há contornos bem definidos, uma cor bem branca, quando iluminada pelo sol, provoca chuvas e se chama de *comulus*. Ele então perguntou: - “Professora, então quer dizer que vai chover ali em casa?” Respondi que sim, pois a nuvem era de chuva e ele ficou encantado com o que ia descobrindo. E *Vin* perguntou: “professora, usando este mapa da *internet* fica mais fácil de aprender, a gente vai usando o *mouse* e vai aproximando da nossa rua, é diferente dos mapas

do livro e do mapa que fica na parede, também a gente vai podendo ver outras ruas e também os outros bairros”.

Sensíveis às interações dos discentes, a partir das descobertas que vão fazendo ao usar o aplicativo, que o interesse e a curiosidade vão aumentando a cada descoberta; como estão formadas as ruas, olham as lagoas, suas casas, os morros. A cada momento, um chama a atenção do outro para saber o que descobriram. Esse momento nos levou a perceber que o uso do recurso tecnológico favorece a abordagem do conteúdo, levando ao envolvimento, à participação e à aprendizagem do aluno ao interagir com o instrumento e o outro. Para Vygotsky (1998, p. 73) os recursos midiáticos são valiosos para o aprendizado do aluno quando teoriza,

O uso de meios artificiais, a transição para a atividade mediada, muda fundamentalmente todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar.

A interação e apropriação dos alunos ao usarem o computador, conectados à *internet* para pesquisar no *google earth*, foi, sem dúvida, muito significativa. Eles participaram atentamente das atividades propostas. A leitura das imagens feitas pelo alunos através da *internet*, além de facilitar o acesso a informações por meio deste valioso meio, permitiu a aprendizagem. O contato dos alunos com o recurso foi compartilhado entre os pares e valorados na ação, o que modifica modos de operar com o conhecimento, com os outros e consigo mesmo. Terminada a pesquisa na *internet*, os alunos salvaram as imagens numa pasta no computador, para usar na aula seguinte onde iriam elaborar o roteiro para a aula de campo. Reflito, não é estranho para os alunos manipularem os ícones, dá comandos e saber acessar a *internet*. O contato dos alunos com este programa fez a diferença para a construção da aprendizagem de forma significativa, uma vez que interagiram a todo o momento com o outro, faz, desfaz, erram, acertam. Para eles estes mo(vi)mentos são tecidos de sentidos, na troca, no diálogo, como destaca Paulo Freire (1980, p. 38) A Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Continuando a discussão sobre o quão é importante o uso do computador/*internet* como recurso integrador para a aprendizagem e o conhecimento dos alunos, nesse processo, Vygotsky (1993, p.89) destaca,

O que a criança é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha a frente do desenvolvimento, servindo-lhes de guia; deve voltar-se não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento.

Ainda em consonância com as ideias de Vygotsky (1993, p. 89), este aponta que, com o auxílio de outra pessoa, toda criança pode fazer mais do que faria sozinha – ainda que se restringisse aos limites estabelecidos pelo seu grau de desenvolvimento. É necessário corroborar com o pensamento do autor, da importância do professor quando usar os instrumentos midiáticos nas práticas educacionais, numa perspectiva de promover a aprendizagem dos alunos, por ser a pessoa mais experiente.

Ao utilizar o recurso do computador e da *internet*, promovi situações que levaram os alunos a participarem ativamente da atividade proposta ao usar o computador e a *internet* em uma pesquisa sobre o lugar de vivência dos alunos.

#### 5.4 EPISÓDIO IV - A AULA DE CAMPO

Para a realização desta atividade – **A aula de campo** tomei como referência os estudos de Freinet (1975), sobre a técnica da aula passeio pela qual apresenta, em sua essência, uma proposta para a formação de pessoas críticas responsáveis e solidárias, pois desperta a consciência das crianças sobre seu meio. Desta maneira, a aula de campo com os alunos vai permitir investigar *in loco* o lugar teoricamente estudado por eles, procurando despertar sua atenção e curiosidade, constituindo um olhar crítico e reflexivo. Experimentar, através da pesquisa, formações e informações que fosse possível desenvolver a aprendizagem na coletividade, com o intuito de cada aluno poder fazer sua própria leitura de mundo.

Para o registro da aula, os alunos estavam munidos de lápis, papel, câmera fotográfica digital, celular, enfim, todos os dispositivos midiáticos que tivessem acesso.

Os alunos elaboraram um roteiro embasado nas atividades estudadas anteriormente, como os estudos da discussão da fábula, das produções dos textos, da pesquisa na *internet*. A elaboração do roteiro foi feito, na sala de aula, mais precisamente no laboratório de informática, onde pedi que usassem o aplicativo editor de texto e digitassem o que e como gostariam de registrar na aula de campo, como também expor os motivos.

Nesse momento as crianças conversavam umas com as outras sobre o que gostariam de registrar e saber o porquê das construções ali sobre as dunas, quem eram os moradores, de onde vinham, em que trabalhavam, se as moradias eram próprias, de posse ou alugadas, e se existia saneamento básico. O diálogo tecido entre eles, enquanto elaboravam o roteiro, foi muito interessante, porque estavam sempre recorrendo ao que tínhamos estudado anteriormente. Também me solicitavam bastante para tirar as dúvidas que iam surgindo durante o processo de elaboração do roteiro, seja na parte referida ao conteúdo ou na parte de elaboração estética do roteiro. Durante a atividade, apresentaram muito cuidadosos e interessados.

Terminada a atividade, salvaram o documento em uma pasta. Em seguida, imprimiram o documento que iria servir de guia para o grupo, pois a partir do documento, as crianças buscariam registrar suas respostas, através de registros escritos em fotografias, vídeo e desenhos. Assim, após a aula passeio/de campo, os alunos, com todo o registro, iriam produzir um relatório, utilizando o laboratório de informática e depois apresentando em grande grupo. Terminada a atividade, pedi que cada grupo expusesse seus objetivos e por que gostariam de investigar durante a aula de campo.

As imagens abaixo representam o momento em que as crianças elaboram o roteiro para a aula de campo.



Figura 11 - Alunos no laboratório de informática produzindo o roteiro da aula de campo.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Observei que alguns alunos fazem a atividade acelerada para “sobrar” tempo para jogarem. Este é um momento de negociação com eles. Conversamos sobre a importância da realização de uma atividade planejada, pensada, não é objetivo apenas cumprir tarefas, é preciso saber realmente o que é, porque está fazendo uma atividade, eles precisavam ter consciência de como se processa a construção do conhecimento. E cada atividade realizada precisa ser pensada, planejada, com um objetivo a ser alcançado. Nesse momento, ao invés dos alunos ficarem chateados por não poderem “entrar” no jogo que está contido na *internet*, retomaram a atividade, dessa vez sempre me solicitando para saber se o que estavam fazendo estava certo. Observei que ao invés de ficarem com vergonha de solicitar a ajuda da professora/pesquisadora – como aconteceu quando da realização da atividade escrita – nesta atividade, eles se sentiam mais iguais, pois, mesmo não sabendo escrever utilizando o computador, não se incomodavam. E na verdade, tinham prazer, orgulho em se encontrarem naquela situação (utilizando o teclado do computador para digitar) e, assim, solicitavam a colaboração da pesquisadora para orientá-los, com bastante frequência. Foi um diferencial para a minha investigação, pois senti que os alunos estavam envolvidos, gostavam do que faziam e faziam com prazer, os diálogos entre eles estavam sempre voltado para o que estava sendo estudado. Nas atividades que se seguiram, continuei a minha observação acerca desta interação participante.



Figura 12 - Início da aula de campo – alunos atentos às explicações da pesquisadora  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.



### 5.4.1 Início da aula de campo

A aula de campo foi planejada com os alunos, a professora titular e a professora regente de laboratório e a pesquisadora.

Era uma terça-feira, setembro de 2010, saímos da escola às 8h, participaram da aula (vinte e oito) alunos, a professora titular, a professora regente do laboratório de informática e eu. No percurso, observávamos o desempenho das crianças e de vez em quando, me solicitavam para esclarecer alguma dúvida que surgia durante a nossa aula. Começamos a aula pela rua principal da área ocupada pelas famílias – que não tinham onde morar ou não tinham como pagar o aluguel de casa – área ocupada no final dos anos noventa do Século XX, o lugar de moradia da maioria das crianças. Embora os alunos, em momentos anteriores, tenham participado de outras aulas de campo, a emoção das crianças, o brilho no olhar, quando caminhavam entre as ruas, contavam o que ali viam, ou vivenciavam. O prazer e a alegria em participar da aula de campo eram visíveis em todos os contextos, e tudo se transformava em motivo de troca, de socialização.



Figura 13 - Alunos entrevistando uma moradora do lugar.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Da forma como abordavam as pessoas, moradoras do lugar, a maneira como explicavam acerca dos objetivos de estarem ali naquele momento, como faziam as perguntas aos moradores, perguntavam se podiam fazer fotografias, gravar o que eles estavam pesquisando. Estavam ali para conhecer o lugar com outro olhar, o que as pessoas achavam



do lugar onde moravam, a disposição e o entusiasmo com que encaminhavam a pesquisa, as observações que faziam.



Figura 14 - Uma das vielas da área ocupada e edificada sobre as dunas.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.



Figura 15 - Início da aula de campo – alunos atentos às explicações da pesquisadora.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

O lugar é uma região de morros de dunas. Os alunos observavam, cuidadosamente, o que compunha o lugar, inclusive de grande complexidade para elas, que faziam as fotografias do que mais chamava a atenção, pequenos vídeos, entrevistava as pessoas do lugar, para

conhecer como chegaram ali, se a casa era própria ou se era de posse, o que as pessoas achavam do lugar que moravam. Também percebi algo que chamou muito a atenção das crianças foram as grandes construções na área circunvizinha pela construção civil, sobre os morros de dunas. Embora as crianças apontem, façam referência à violência, a desigualdade social que é visível, a falta de políticas públicas, o descontrole ambiental, ainda não localizam como e o que é a sociedade democrática, o que é política.



Figura 16 - Crianças entrevistando moradora do bairro  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

As crianças estavam ali como pesquisadores e foi possível enxergar como estavam empenhadas em compreender aquele lugar tão desigual, como relatavam sobre os moradores, e também as próprias crianças, pois a cada momento as crianças falavam sobre suas próprias vidas vividas naquele lugar, suas lembranças, os medos, a violência, a discriminação. A aluna A. Bea expressou-se da seguinte forma:

Fomos para casa de uma mulher e essa mulher disse que quando chove a rua fica toda cheia de água. Ela disse que o terreno da casa dela foi Apossado. Aí ela fez a casa dela, tem um terreno que antes era um sítio. Tem uma loja de carro que antes era morro. Tem muita casa que faz medo de cair. Então esse é o morro.



Figura 17 - Crianças entre as vielas do bairro. - lado direito o condomínio  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Saímos das vielas, é uma área ocupada no final dos anos 90 do século XX, por pessoas que não tinham como pagar, comprar ou pagar aluguel, e nos deparamos com grandes condomínios de casas e de apartamentos, que as crianças tinham medo até de fazer um registro ou perguntar a algum morador sobre o que achava do lugar. Na verdade, tinham medo de serem confundidas com “pivetes”, meninos de rua. Chamou-me a atenção, quando um grupo de meninas me disse: “Professora, estas casas parecem coisas de gente da televisão. Eu tenho tanta vontade de entrar numa casa dessas, bem bonita!” Outro menino veio mais atrás e disse: “Vou tirar uma foto disso; um povo tão rico, mas deixa este lixo aqui, só para criar dengue”.



Figuras 18 - Área de dunas, ocupada pela construção civil.  
Fonte: arquivo da pesquisadora.



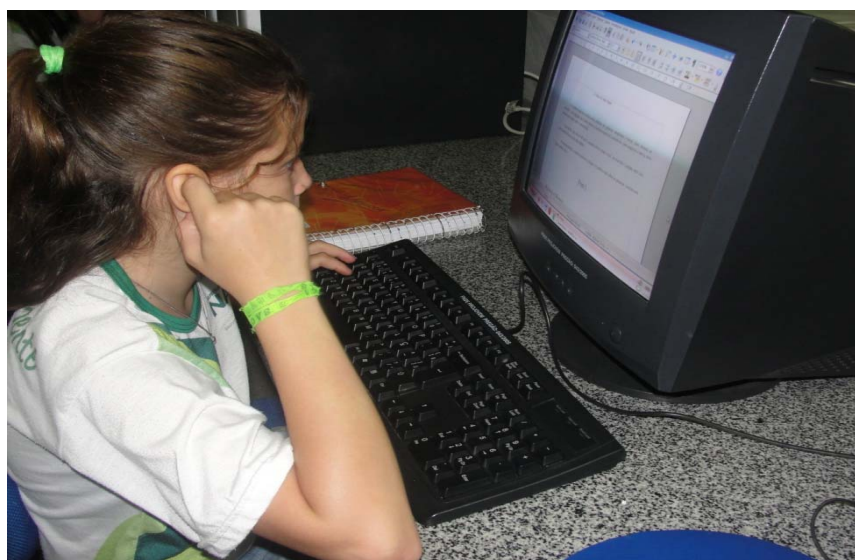


Figura 19 – Pesquisa no laboratório de informática – Produção de textos  
Fonte: arquivo da pesquisadora.

Chegamos da aula de campo por volta das 11h. As crianças estavam eufóricas, mais felizes, e ainda queriam, naquele dia, salvar as fotos e os filmes no computador. Porém, não foi possível, pois chegamos quase no final do horário da aula.

Retomamos na segunda-feira e continuando nossos estudos sobre a aula de campo, fomos para o laboratório de informática, lá os alunos organizaram a pesquisa, utilizando o computador para concluir a atividade que seria feito um relatório da aula de campo. Organizaram-se em grupos, dei as orientações para a elaboração do relatório.



Figura 20 - Os alunos/as produzindo a atividade sobre a aula de campo.  
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Faziam a descrição oral e comparavam ao que tinham escrito. Destacaram, também, imagens de lixo no “pé” do Morro, a maioria das ruas eram calçadas, não tinha esgoto e a água escorria pela rua, que ficava cheia de muriçoca, e também uma mulher falou que dava dengue, mas gostava de morar ali porque ficava perto de tudo.

Grupo X – Professora, veja nesta, a gente também vê como há muitos apartamentos sendo construído.

Professora - Perguntei para eles se achavam boa aquela construção ali -

Grupo X – Responderam: aí quase não tem banco de areia (aqui eles estão se referindo as dunas) às vezes a gente brincava ali. (apontando para o vídeo)

Grupo K – Essa aula foi muito boa – aqui muito coisas, nas casas tem jardim, plantas, todas as casas tem televisão, mas as ruas ainda não são calçadas, a rua tem um Cristo (uma estátua) como aquele do Rio de Janeiro, aqui se chama a Rua do Cristo é uma rua calçada, e também é a maior (mais larga).

Na aula de campo, observei diversas situações em que as crianças traziam exemplos de aulas anteriores ministradas pela professora como as mudanças ocorridas no lugar, como o desmatamento para a construção de casas e apartamentos. Lembravam-se das explicações sobre o cuidado que se deve ter com o meio ambiente para evitar doenças. Faziam referências às áreas com acúmulo de lixo nas encostas dos morros e nas ruas.

Quando na digitação do texto, os alunos, ao utilizarem o tutorial “editor de texto”, começaram a me solicitar querendo saber por que embaixo das palavras estava ficando com um traço vermelho. Não dei a resposta de imediato e pedi para elas observarem como escreveram a palavra, começam a soletrar e vão digitando até que sai o traço vermelho e ficam felizes, quando percebe que a palavra está escrita “errada”, isto aconteceu com vários grupos. O que me chamou a atenção foi que, embora sejam acostumados a escrever textos manuscritos, reclamam com dor nas mãos, se desconcentram facilmente, começam a conversar sobre outros assuntos, por isso, ao usar o computador para digitar um texto é um motivo de alegria. Das contribuições de Vigotski(1998, p.157)

Os educadores devem organizar todas essas ações e todo o complexo processo através de transição de um tipo de linguagem escrita para outro.[...]até o ponto da descoberta de que se pode desenhar não somente objetos, mas também a fala [...] o que se deve fazer é ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas as letras.

As descobertas em perceber, por exemplo, que o traço vermelho embaixo das palavras significa que a palavra não está devidamente correta, ficavam até felizes quando digitavam uma palavra errada, para encontrar a certa.

Há, abaixo, quatro textos produzidos pelos alunos, na sala de informática. Todas as atividades estão expostas na sua originalidade,

Quadro 1 - Texto 1:

Grupo 3

EU E GRUPO DO QUARTO ANO FOMOS PARA UMA AULA PASSEIONOS ATRAVESSAMOS O MORRO ATRÁS DA MINHA ESCOLA A ENTRADA DO MORRO TEM UMA SUBIDA E E MUITO DIFICIL DE SUBIR AI PASSEANDO PELO MORRO EU CONHECI UMA MORADORA DO MORRO ELA DISSE QUE QUANDO ELA COMEÇO A MORAR LÁ NÃO TINHA AQUELA RUA DE AREIA ERA DE CIMENTO AI CONTINUANDO A VIAGEM EU CONHECI OUTRA MORADORA QUE MORAVA LÁ A 15 ANOS ELA NÃO COMPRO A SUA CASA ELA COMPROU O TERRENO E CONSTRUIU A SUA PROPIA CASA AI EU VI UMA RUA QUE TNHHA UMA CAPELA COM O CRISTO REDENTOR NA FRENTE AI BEM PERTO TINHA UMAS DUNAS NA E BEM DO LADO TINHA PRÉDIOS DO LADO SENDO CONSTRUIDOS E BEM TINHA A ESCOLA QUE EU ESTUDAVA E VOLTEI PRA ESCOLA MAS FOI MUITO LEGAL E FIM

## Quadro 2 - Texto 2:

Nas dunas eu vi condomínios sendo construídos. Muitas casas, elas eram muito pequenas.

Muitas pessoas moravam lá, muitas ruas também muitas árvores, as dunas são substituídas por casas, pessoas que vivem a mais de 10 anos, isso é muito perigoso pode acontece um desabamento de terra, tem casas que tem tanque de lavar roupa com tampa aberta cria dengue, desperdiçando água.

4/09/2010 Escritor Lucas

## Quadro 3 - Texto 3:

Olha do meu lugar

Terça-feira, eu e minha turma da escola fomos assistir uma aula fora da escola comecei com as professoras a conhecer o moro. vimos casas em cima dos morros, ruas sem calçamentos, alagamentos nas ruas, ruas cheia de lixo. morro cheio de areia, nesse morro cheio de areia tem condomínio de casas, prédios depois andamos até a escola e foi um passeio muito bom. fim.

J P F da Silva

## Quadro 4 - Texto 4:

Nas dunas eu vi condomínios sendo construídos. Muitas casas, elas eram muito pequenas.

Muitas pessoas moravam lá, muitas ruas também muitas árvores, as dunas são substituídas por casas, pessoas que vivem a mais de 10 anos, isso é muito perigoso pode acontece um desabamento de terra, tem casas que tem tanque de lavar roupa com tampa aberta cria dengue, desperdiçando água.

4/09/2010 Escritor

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Você dirá que são poucas coisas, em relação ao que poderia fazer para simplificar e humanizar a vida do pastor; porém, se cada pastor fizesse, todos os dias, esse pouco de obra prática a serviço da comunidade, a nossa profissão seria, então, enriquecida e facilitada.

Célestin Freinet

A pesquisa propiciou um momento específico de aprendizagem, um espaço de confronto entre os conhecimentos adquiridos pelas leituras, as práticas da profissão docente com o que é visto e experienciado no espaço escolar.

Foram possíveis algumas respostas as minhas indagações, as minhas inquietações do porquê não se efetiva o uso pedagógico das mídias tecnológicas nos espaços escolares, já que estes meios de comunicação e informação estão tão presentes na sociedade. A formação continuada do professor para o uso das mídias tecnológicas na prática pedagógica não é só ter o domínio do instrumento, isto já é fato constatado que a tecnologia não vai substituir o professor. No entanto, o professor deve estar concatenado com o que está planejando para o aluno, qual os tipos de recursos tecnológicos escolhido para usar na prática pedagógica, qual a recepção e significação dos elementos da linguagem hospedada, deve estar atento à condução dada, pois os alunos ao interagir com esses meios são participativos, interessados, envolvidos. No percurso da pesquisa, foi-se constatando que os diálogos construídos e constituídos por eles, ao estar em contato com instrumentos, relaciona-os com a sua vivência, criam, dialogam, definem, contestam, é nessa tessitura que o professor deve ter a sensibilidade de enxergar este movimento vivo e significativo.

A pesquisa foi um exercício de aprendizagem, contemplou o conhecimento prévio dos alunos, despertando o interesse nos espaços escolares, que propiciem aprendizagem.

É importante salientar que as práticas educativas ancoradas às multimídias devem ser conduzidas pelo professor de forma contextualizada em todo o processo de aprendizagem dos alunos, proporcionar a formação crítica destes sujeitos como seres participativos, reflexivos, como produtores e construtores de conhecimentos.

Os episódios trabalhados mostram como foi desenvolvido o percurso das atividades. Para a execução da pesquisa, julgamos que os conhecimentos prévios dos alunos muito contribuíram para o desenvolvimento do que foi proposto. Procuramos criar possibilidades



para a própria produção ou construção do aluno, para que cada um se sentisse sujeito e não objeto da própria história.

As experiências vivenciadas durante a pesquisa foram bastante positivas. A cada dia, um momento diferente, acontecimentos que envolviam os alunos e que lhes chamavam a atenção para as aulas, como as leituras compartilhadas, bem como as atividades desenvolvidas no laboratório de informática. A aula de campo foi um momento em que os alunos dialogavam acerca de suas concepções sobre o lugar, estabeleceram várias associações sobre suas vivências, seus sentimentos, compartilhadas socialmente. Tudo isso gera aprendizagem, conhecimento.

Observo que não é só ter o domínio dos suportes midiáticos para trabalhar na prática educativa, o professor precisa conhecer cada aluno na sua singularidade, quais metodologias deve ser trabalhada na turma e assim concatenar os recursos existentes na escola como meio constitutivos para a formação do aluno, visto que os saberes construídos no espaço da sala de aula se modificam e se particulariza em cada criança. O professor deve estar atento a todos os mo(vi)mentos da sala de aula, sobretudo por ser um espaço de socialização e de aprendizado, em que ao oportunizar o aluno a vivenciar as mais diversas experiências – às vezes, sendo mediado; outras vezes, mediador – aprendem a conviver em grupo, compreender as relações de interdependência entre os mais diversos elementos. Assim, ao usar mídias de forma articulada através de uma linguagem com códigos próprios e signos variados, contribuem para ampliar as vozes dos falantes de forma crítica e construtiva. O professor só será capaz de perceber este movimento mediante proposta pedagógica significativa, que considere os alunos como sujeitos heterogêneos e que aprendem de formas diferentes.

Com este trabalho, constatei que não basta apenas capacitar o professor, ao manipular os instrumentos midiáticos ou elaborar projetos, mas acima de tudo se permitir a olhar o aluno de forma mais humanizada.

Os resultados alcançados indicam a necessidade de um novo olhar acerca dos ensinamentos para o uso das mídias tecnológicas. Nós, professores, devemos estar atentos ao contexto sócio, político e cultural da vida do aluno e da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **ProInfo: informática e formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, Seed, 2000.v.2.

BABIN, P. KOULOUMDJIAN, M. F. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.

BELLONI, Maria Luíza. **O que mídia-educação**. Campinas/SP: Autores associados, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação a Distância**. 2.ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999. (p.53-77).

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 2003.

BRETAS, M.B.A. Elementos metodológicos para a abordagem das interações telemáticas. In: \_\_\_\_\_ FAUSTO NETO, A. et al.(Org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 29-48.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. Tradução: Dias, Maria Carmelita Pádua. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Introdução à educação digital: guia do formador**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Introdução à educação digital: guia do cursista**. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, 2008b.

\_\_\_\_\_. **ProInfo**. apresentação. Disponível em: <<http://porta-electródio/>> Acesso em: 29 set.2009.

\_\_\_\_\_. **Plano de Desenvolvimento da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>> acessado em 29 set. 2009.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 34. ed. São Paulo: Paz e Terra:

FISCHER, Rosa M. B. **Televisão e educação:** fluir e pensar a TV. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna.** Lisboa:Editorial Estampa, 1976.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do bom senso.** Tradução J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A educação do trabalho.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DEMO, Pedro. **Questões para teleducção.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GERALDI, João Wanderley. et al. (Orgs.). **O texto na sala de aula.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia:** o novo ritmo da informação. São Paulo: Papirus, 2007.

LOBATO, M. **Fábulas.** 16. ed. São Paulo: Brasiliense,1969. p.102.

MARTINS, Maria Cecília. Integração de Mídias e Práticas Pedagógicas. In: VALENTE, José armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de (Orgs.) **Formação de educadores a distância e integração de mídias.** São Paulo: Avercamp, 2007.

MEDEIROS, Leila Lopes. Políticas públicas de formação docente face á inserção das TIC no espaço pedagógico. In:\_\_\_\_\_. **Educação a distância e formação de professor:** relatos e experiências. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2007.

OLIVEIRA, Luis Roberto Cardoso de. **O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas.** Brasília: DAN/UnB, 2007. (Série Antropologia, v. 413).

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: \_\_\_\_\_.(Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiático. In: \_\_\_\_\_. **Antropológica do espelho**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O ofício de professor**. histórias, perspectivas. São Paulo: Vozes, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VALENTE, José Armando. Usos do computador na educação. **Em aberto**, Brasília, v.12, n. 57, jan./mar. 1993.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.